

PESSOAS LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

Directora: Cristina Cavaco

www.leader.pt

II Série | Nº 32 | Setembro 2005



© Moquete para Comedias do Minho / Francisco Botelho

Em Destaque:

Animação cultural



ADRMINHO
Vale do Minho

P 12 Um fim-de-semana no Vale do Minho

P 4 e 5 Entrevista a Miguel Torres

P 6 e 7 Animação cultural no Vale do Minho

P 20 Alvarinho

Actividades culturais tornam os territórios vivos

As contribuições das associações LEADER para o tema deste número do jornal "Pessoas e Lugares" ilustram a diversidade de intervenções e a sua importância estratégica para um processo sustentado de desenvolvimento dos territórios.

A ausência de produção cultural e uma oferta pouco inovadora são sintomas alarmantes de esvaziamento dos territórios e de progressão do seu lento declínio. Ao invés, uma dinâmica forte de actividades culturais contribui para tornar os territórios vivos, atraentes para as populações que lá vivem e para as que os visitam, sedimenta o sentimento individual e colectivo de pertença e auto-estima, constitui uma abertura para as ligações com outras regiões e com outras culturas, facilitadora da incorporação da inovação.

Quem são então os intervenientes destes processos? As pessoas em primeiro lugar, organizadas ou não, oriundas dos territórios e as outras que lá decidiram instalar-se trazendo as suas histórias e experiências. As instituições, assumindo, frequentemente, as autarquias locais um papel central; mas também as instituições do Estado, sendo fundamental que existam opções políticas claras que suportem a descentralização das intervenções. Todo o tipo de associações e colectividades locais associadas à música, leitura, teatro, cinema, dança, artes plásticas, desporto. Instituições sectoriais que pretendam apoiar e promover actividades culturais associadas de alguma forma ao sector ou ao território onde intervêm, de que são exemplo alguns museus (do Vinho, do Pão, etc.). As universidades e os centros de investigação que possam trazer contributos importantes através de uma perspectiva histórica ou antropológica da evolução das actividades culturais e do estudo da mudança. Os operadores turísticos numa óptica de concertação, diversificação e programação da oferta local e regional. Os teatros, cinemas, galerias e outras organizações que disponham de espaços que possam ser rentabilizados. E todos os parceiros e/ou patrocinadores privados, empresas, bancos, fundações. A lista é longa e incompleta provando que qualquer um ou qualquer entidade constitui um potencial actor cultural no seu território, quer se situe numa perspectiva de consumidor, quer de produtor, quer nas duas.

Iniciativas como as da Comédias do Minho, o teatro na escola, a formação para amadores, ou a animação "a palavra em movimento, o movimento da palavra", mostram que o trabalho desenvolvido pode ir mais além e desempenhar um papel importante na formação do público.

A prestigiada Bienal de Cerveira contou este ano com a presença de uma centena de artistas de 17 países e estendeu-se a outros municípios. "Com o objectivo de dinamizar o turismo cultural local e regional, incentivando a participação de diferentes públicos e a fixação de artistas e intelectuais na região, preservar e valorizar o património móvel e imóvel e colaborar na criação de uma rede concelhia de equipamentos culturais, vai ser constituída a Fundação da Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira". A bienal constitui, assim, o exemplo de que interioridade pode rimar com contemporaneidade e a que a abertura para o exterior constitui um vector intrínseco da mudança.

Outras realizações como as da Terras Dentro, ADREPES, Terras de Sicó, Ader-Sousa, Adeliçor, ADL, ARDE, mostram a inesgotável riqueza das intervenções e as novas dinâmicas que surgem inequivocamente nos territórios rurais.

Em entrevista ao "Pessoas e Lugares", Miguel Torres, da ACERT sublinha a importância do envolvimento e articulação dos agentes e actores locais e formula o objectivo de "criar um projecto único de programação e circulação cultural para a região" no quadro do Projecto COMUM - Rede Cultural.

Esta é a também a opção da ADRIMINHO - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho, com as iniciativas culturais profundamente articuladas no território e fazendo parte de uma dinâmica de "animação cultural sustentada", como assinala a sua coordenadora Ana Paula Xavier. Os "investimentos imateriais têm pouca visibilidade" donde a necessidade de "pensar na questão cultural do território como um todo" numa lógica de trabalho intermunicipal defendida e posta em prática pela associação através da "implementação de projectos conjuntos".

Cristina Cavaco

Pedido de envio do Jornal Pessoas e Lugares

Nome:	
Organização:	
Função:	
Morada:	
	Código postal: -
Telefone:	Fax:
E-mail:	
Comentários:	

Recorte ou fotocopie, e envie para: IDRHa, Rede Portuguesa LEADER+ Av. Defensores de Chaves, n.º 6 - 1049-063 Lisboa

O **Pessoas e Lugares** - Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+ tem por objectivos:

- divulgar e promover o LEADER+;
- reforçar uma imagem positiva do mundo rural.

O **Pessoas e Lugares** tem uma periodicidade mensal e a sua distribuição é gratuita.

Se pretender receber o jornal **Pessoas e Lugares** preencha, por favor, o formulário anexo (recorte ou fotocopie) e envie para:

IDRHa
Rede Portuguesa LEADER+
Av. Defensores de Chaves, n.º 6
1049-063 Lisboa

Telf.: 21 3184419
Fax: 21 3577380

Ou aceda ao site da Rede Portuguesa LEADER+ www.leader.pt e preencha, por favor, *on line* o formulário disponível no *link* **Pessoas e Lugares**.

No caso de desejar receber mais do que um exemplar de determinado número do jornal **Pessoas e Lugares**, para distribuir num evento, por exemplo, pedimos o favor de fazer chegar essa informação ao IDRHa com a devida antecedência. Obrigado.

Animação e desenvolvimento valorizam a cultura local

O mundo rural é muito mais do que o lugar onde vive a população rural, (...) é, também, uma garantia de prosperidade e qualidade de vida para toda a população, tanto a urbana como a rural.

Declaração de Sevilha para o Desenvolvimento Rural (Maio de 2005)

A animação cultural, sendo um tema que tem acompanhado o programa LEADER desde o seu início, é de vital importância para o desenvolvimento das zonas rurais. Animação para que os habitantes de um dado território se envolvam na resolução dos problemas dessas zonas, cuidem do seu território, protejam o património, intervenham nas decisões relativas a esse espaço e, sobretudo, sejam cidadãos activos para uma melhor qualidade de vida nas zonas onde vivem.

A cultura é uma parte integrante deste processo pois a cultura, tal como se afirma num recente livro editado pela OCDE (2005) intitulado "Cultura e desenvolvimento local", está também ligada à criação de emprego, exportações e rendimentos ao nível local e tornou-se uma componente importante para a oferta de bens e serviços. Este livro sublinha o impacto da cultura nas economias locais e advoga que a contribuição contemporânea da cultura para o desenvolvimento económico não se limita à atracção de turistas, já que é também um factor catalizador para a integração social e desenvolvimento sustentável. Do mesmo modo, a animação cultural pode ajudar a desenvolver competências e conhecimentos locais que podem ser úteis para promover a competitividade e reforçar as plataformas da intervenção local, articuladas em torno de novas formas de governança e desenvolvimento económico.

Os Grupos de Acção Local (GAL) têm desempenhado um papel preponderante na sensibilização e motivação para a cultura e dinamização territorial, económica e social. Na verdade, a intervenção LEADER tem ajudado a contrariar a desvalorização dos bens culturais, normalmente associados às zonas rurais, ultrapassando a sua conotação simplista com o folclore e/ou pequenas feiras locais e apoiando pequenos projectos relacionados como o valor inestimável do seu património.

Apoio do LEADER tem sido fundamental

Hoje evidencia-se uma "nova" cultura local, mais aberta às expressões da diversidade e multiculturalidade contemporânea, através do teatro, do cinema, dos contos e lendas tradicionais, da música, das bandas filarmónicas, entre outras. Sob este ponto de vista, a animação cultural é utilizada como uma ferramenta especialmente útil para a implementação de um programa de desenvolvimento rural integrado e participado. As grandes debilidades, associadas à insuficiência de recursos financeiros, normalmente limitam ou são obstáculo ao aparecimento de projectos de indole cultural e, nesta medida, tem sido fundamental o apoio do LEADER no encorajamento dos artistas e criadores para o desenvolvimento de projectos e actividades culturais orientadas para as comunidades. Poderemos destacar boas práticas do LEADER+ nesta matéria, quer seja ao nível da valorização dos bens patrimoniais, quer ao nível da sensibilização das populações para a preservação e valorização do património cultural ou mesmo para a sua revitalização, de acordo com novas necessidades sociais.

A importância destes eventos para as comunidades locais é múltipla, como se pode observar pelos projectos concluídos no âmbito do LEADER. Dois exemplos são paradigmáticos desta intervenção: o pro-

jecto "Arte em dois tons", Exposição Internacional de Artes Plásticas organizada pela Dueceira, na Lousã, em 2001 que, no âmbito da cooperação transnacional reuniu, por diversas vezes, artistas de Portugal e França e a "Beauce Arts et Gâtinais Culture", evento organizado em Ville de Pithiviers (França) com o objectivo de construir, em conjunto, uma nova ambição artística e cultural em volta da identidade local de um território, acolhendo artistas e actores num polo cultural dinâmico e atractivo. Em ambos evidenciam-se algumas das características comuns destes projectos: contribuem para uma certa democratização da cultura, são um estímulo a novas formas de olhar o quotidiano e à aceitação de novas propostas para o acolhimento de novos visitantes e ajudam, de um modo geral, a quebrar o fosso entre a cultura e a sociedade.

Assim, alguns projectos de animação cultural apoiados pelo LEADER são também uma forma de encorajar o pensamento crítico, pois baseiam-se na ideia de que todos podem e devem participar na construção da identidade cultural, combinando recursos locais com participação cultural, acentuando a partilha de responsabilidades entre as várias partes envolvidas e dando mais expressão à vida quotidiana das comunidades locais.

Porque o debate sobre a cultura e o desenvolvimento económico tem cada vez mais interesse e porque, ao mesmo tempo, proliferam iniciativas locais demonstrativas de que as actividades culturais podem ser uma alavanca importante para o crescimento económico e inclusão social e sobretudo, pois contribuem para desenhar a competitividade dos territórios rurais, o papel do apoio do programa LEADER a projectos de indole cultural tem sido de extremo significado. Se na esfera política corrente a cultura não é ainda reconhecida como uma prioridade, para os que trabalham ao nível local este tema é de importância-chave para a mudança de atitudes e comportamentos, relacionados com as novas formas de pensar e viver nos territórios rurais.

Maria do Rosário Serafim
Rede Portuguesa LEADER+/IDRHA



Artemístora - Lousã (Abril de 2001) / Foto: Unio

Miguel Torres, coordenador do Projecto COMUM - Rede Cultural

A arte da animação cultural

Miguel Torres, 35 anos, natural e residente em Tondela, membro da direcção da Associação Cultural e Recreativa de Tondela - ACERT, um dos mentores e coordenadores do Projecto COMUM - Rede Cultural, tem um diploma europeu em Gestão de Projectos Culturais e 20 anos de experiência em animação cultural. Acredita no "renascimento" do movimento associativo, na animação cultural como instrumento inalienável de desenvolvimento e na responsabilidade de todos perante a cultura. A Rede Cultural permitiu a (re)animação de espaços e projectos culturais em suspenso na Região Centro.

Qual é o ponto de situação da animação cultural em meio rural?

A animação cultural em meio rural, como também em meio urbano, sempre viveu muito do associativismo local, das associações de bairro ou de freguesia. Hoje fala-se da crise do associativismo, porque os jovens não aderem a ele. Paralelamente, começam a surgir movimentos de gente nova com vontade de fazer muita coisa em meio rural. Estamos numa fase transitória entre uma certa decadência de uma animação cultural clássica, que se prendia mais com o teatro, a música, os jogos tradicionais, e o surgimento de movimentos de gente mais nova com outro tipo de interesses e uma grande capacidade de associação e de trabalho em parceria para desenvolver projectos que, podendo não se chamar de animação cultural, propriamente dita, acabam por lá ir buscar as suas raízes. É preciso encontrar novas formas de interessar os jovens - fazê-los participar -, eles mostram-se claramente disponíveis para isso. Nota-se também uma fusão entre animação cultural e social. A cultura tem um papel muito importante no desenvolvimento social destes territórios do interior.

A cultura não se fecha sobre si própria, mas liga-se também a outras áreas?

A cultura é uma ótima ferramenta de integração social. Há cada vez mais esse objectivo de utilização da cultura como ferramenta para a área social e mesmo para o desenvolvimento local. A cultura é fundamental para a educação, fixação

e aumento da auto-estima das pessoas nas suas localidades. Tem um papel central no desenvolvimento dos territórios, sendo eles então do interior como aqueles onde nós trabalhamos, isso ainda está mais patente.

As políticas culturais querem apostar na produção e promoção da cultura a nível local ou continuam a investir na centralização dos poderes, infra-estruturas e investimentos?

Podem falar-se numa política cultural dos grandes acontecimentos, como a Expo 98, as capitais da cultura ou os programas de animação à volta do Euro 2004. Agora tenho sérias dúvidas que haja uma política cultural de intervenção local. Há muitos projectos que têm uma visão local, não querendo este local dizer que é um projecto fechado. Há pessoas e projectos que têm uma intervenção local e comunitária muito forte, organizações como a nossa que têm essa política de utilização da cultura para a intervenção local. Mas não me parece que os órgãos competentes reconheçam a importância dessa política.

A nível local, que desafios se colocam a este sector de actividade?

O principal desafio que se nos coloca, a nós que trabalhamos nesta área, é conseguirmos provar que somos fundamentais para o desenvolvimento. Para a apresentação e crescimento de qualquer projecto de desenvolvimento numa localidade, a cultura é cada vez mais uma ferramenta essencial. Esse é o grande desafio: provar aos decisores políticos, autárquicos ou nacionais, que somos um parceiro fundamental para esse processo. Não podemos ser postos de parte quando está em causa a implementação de projectos de desenvolvimento, tem sido desde sempre a bandeira da ACERT.

Em que medida o desenvolvimento cultural é um motor do desenvolvimento económico e social?

Numa comunidade como Tondela, a ACERT dá emprego a cerca de 30 pessoas, o que em termos económicos representa já um peso importante. A identificação das pessoas com a actividade cultural e as raízes culturais, contribui muito para a sua fixação. As pessoas têm que se sentir bem com o local onde estão. Ao fim de 30 anos de projecto, podemos contar com jovens que começam aqui a sua actividade, depois vão estudar para fora e agora anseiam regressar para aqui, porque sabem que têm boas condições de trabalho, uma ótima qualidade de vida e um espaço onde podem desenvolver um projecto no qual acreditam. Antigamente, tínhamos exactamente o contrário, o objectivo era sair.

No que consiste o Projecto COMUM - Rede Cultural?

O projecto consiste no aproveitamento de infra-estruturas físicas. Quase todos os municípios, beneficiando de programas europeus, construíram espaços culturais que ficaram vazios. Entretanto nós - a ACERT e o Cine Clube de Viseu, que é nosso parceiro neste projecto - éramos, frequentemente, solicitados por algumas autarquias no sentido de as apoiar na programação cultural destes espaços. Pensámos em conjunto com o Cine Clube de Viseu: porque não propor um projecto para dar resposta às necessidades de programação? Durante cerca de ano e meio, dialogámos com os animadores culturais, vereadores da Cultura, presidentes de câmaras municipais e até bibliotecários para percebermos as ansiedades de cada um dos territórios. Depois propusemo-nos, em conjunto com estes sete parceiros autárquicos, criar um projecto único de programação



Miguel Torres/Vizinha

“A cultura é fundamental para a educação, fixação e aumento da auto-estima”

e circulação cultural para a região. Na sequência disso, candidatámo-nos ao Programa Operacional do Centro, que financiou uma parte fundamental da Rede. Através deste projecto criámos uma rede de espaços que permite ir ao encontro de criadores de espectáculos sem espaços de apresentação, assim como de pequenos projectos associativos com alguma actividade nas áreas do teatro, música, exposições... Por outro lado, organizamos formações para levar esses projectos associativos a crescer. O projecto também contempla uma vertente de programação muito forte nas acções de formação para as escolas. Estamos em cada um dos territórios com muitas formações, que têm por objectivo criar hábitos de frequência dos espaços e actividades culturais, de forma a que um dia possamos sair de um território, deixando uma pequena semente, constituída por gente capaz de pegar num espaço e dinamizá-lo. Além disso, fica também montada uma rede de relações entre concelhos vizinhos que permite e favorece o trabalho em comum a vários níveis. O projecto consiste sobretudo em dar ferramentas às pessoas de diversos concelhos e pô-las a conversar entre elas. Verificámos que havia concelhos vizinhos em que os vereadores da Cultura não se contactavam. Nós sentámo-los à mesma mesa, uma vez de dois em dois meses para discutir a programação. Hoje, a informação trocada já ultrapassa o âmbito da Rede COMUM. Ou seja, criou-se um circuito de circulação e rentabilização não só das infra-estruturas físicas, mas também dos projectos de cada um dos territórios.

Quais foram os principais obstáculos que se levantaram ao projecto?

Deparamo-nos com espaços físicos construídos, sem condições técnicas, o que nos obrigou a constituir uma pequena bolsa de equipamentos que nos permite ir de encontro às necessidades básicas de cada um dos parceiros. Não obstante, permanecem limitações. Não podemos dar resposta a tudo. Há situações onde as autarquias têm que pedir material emprestado, havendo mesmo espectáculos impossíveis de realizar em todos os espaços. Outra das carencias é a falta de pessoal. Havia espaços fechados, sem uma pessoa para abrir as portas, um técnico de luzes, um responsável de programação... Logo no início do projecto, fizemos uma acção de formação para técnicos de sala e temos estado a promover acções de formação nas diversas autarquias, para constituir equipas básicas de apoio para cada um dos espaços.

Quando se iniciou e qual vai ser o desenvolvimento do projecto?

Começou em Maio de 2004 e vai prolongar-se até Maio de 2006. Depois vamos tentar continuá-lo, não sabemos se nos mesmos moldes ou diferentes. Logo no início despertou uma série de curiosidades noutros concelhos, que também querem aderir. Estamos a estudar, em conjunto com os outros parceiros, como é que isso se vai implementar. Uma das grandes riquezas deste processo é que tudo passou primeiro por uma profunda discussão com todos os intervenientes, recolhendo os contributos de cada um. Hoje já partimos com uma grande vantagem, com bases de trabalho lançadas e uma rede de relações a funcionar.

Em que medida a Rede é um projecto inovador?

A grande inovação deste projecto vem da capacidade de conversar com as pessoas, ouvi-las e responder às suas ansiedades. Não impusemos um projecto. Tentámos construir um projecto com as pessoas. Aí está a inovação. Já houve outras tentativas de associação municipal na área cultural em Portugal, mas que falharam, porque eram impostas, como um chapéu que vinha de cima para baixo. Nós não pretendemos nada disso. Não somos detentores de nenhuma fórmula. Queremos resolver os problemas em conjunto com as pessoas. Isso é que tem sido inovador no projecto, daí o seu sucesso. Claramente, o



Maria do Rosário Aranha

nosso objectivo é dentro de dois, três, quatro anos ou mesmo já daqui a seis meses, poderemos ir embora, deixando os espaços com ferramentas e autonomia para continuarem a funcionar. Desaparecem assim “elefantes brancos” de paredes vazias onde nada acontece.

A nível local quem são os produtores e consumidores da cultura?

São antes de mais as pessoas. Na nossa região existem alguns projectos culturais fortes. Além do nosso, temos o Teatro Regional de Montemuro, o GIC na Covilhã... são vários os projectos na Região Centro que são produtores culturais de grandes eventos com capacidade profissional. Depois, em cada um dos concelhos registam-se muitas associações, algumas adormecidas, às quais faltava um pequeno arranque, uma ligação entre elas, e foi isto que tentámos também desenvolver com este projecto. Quanto aos consumidores da cultura são novamente também as pessoas... O nosso maior consumidor são as escolas e aqueles com quem nós temos insistido mais em trabalhar, na perspectiva da criação de públicos e hábitos de frequência dos espaços. Um dos problemas era que as pessoas nunca tinham entrado nos espaços. Só sabiam que existiam. Depois também não havia hábitos de frequência. Com este projecto começam a surgir pessoas que frequentam a acção de formação teatral, musical, aulas de dança ou ateliers de teatro, de cenografia, e assim se criam hábitos de frequência dos espaços. Isso tem sido a chave do “sucesso” deste projecto.

Como é que se articulam os interesses próximos e os meios dispares dos poderes locais, da sociedade civil e das populações em torno da valorização da cultura?

Não sei se existe algum mecanismo ou fórmula a utilizar. Deveria haver um “aproveitamento” do tecido associativo. Há muitas situações que podem ser facilitadas se for dada à sociedade civil, através do tecido associativo, a capacidade de intervir e decidir. A maior parte do tempo isso não acontece. É uma pena, porque é uma energia desaproveitada ao longo destes anos todos. Em quase todo o lado, há gente com uma grande capacidade de intervenção associativa e essa capacidade transformada num bem mais local, associada ao poder de decisão pode revelar-se muito importante para o desenvolvimento.

Onde é que começa e acaba a responsabilidade do Estado nesta matéria?

A capacidade de criação e de intervenção dos criadores, dos artistas e do próprio Estado contribui muito para a preservação do património de cada um de nós. Se o Estado tem a responsabilidade de construir, nós temos responsabilidades na manutenção, preservação e divulgação da cultura. Tem que haver uma grande conjugação de esforços. O Estado não se pode demitir de nada, tal como nós não nos devemos demitir. Se somos subvencionados por dinheiros públicos também temos grandes responsabilidades.

Como é que definiria a animação cultural?

A animação cultural é um instrumento! Nós pegamos na cultura e através dela contribuímos para melhorar as condições de vida, o bem-estar e a educação das pessoas. A animação cultural é sobretudo e cada vez mais um instrumento de desenvolvimento.

Entrevista de **Maria do Rosário Aranha**

Comum: uma rede de programação cultural

Associações promotoras: ACERT e Cine Clube de Viseu

Autarquias parceiras: Aguiar da Beira, Mangualde, Oliveira de Frades, Santa Comba Dão, Sever do Vouga, Tondela e Vouzela

Território: Região Centro

População abrangida: superior a 100 mil habitantes

Acções culturais:

224, ou seja, 16 eventos anuais (incluindo quatro formações) / município

Tempo do projecto: 2 anos

Para saber mais: www.comum.net

Vale do Minho

Animação e dinamização cultural

Uma companhia de teatro, uma bienal de artes, uma rede cultural transfronteiriça ou os Caminhos de Santiago. Um conjunto de iniciativas culturais que não surgem desarticuladas no território. Fazem parte de uma dinâmica de "animação cultural que queremos sustentada", assinala Ana Paula Xavier, coordenadora da ADRIMINHO - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho.

Desde o programa LEADER II, que o sector cultural é encarado pelos técnicos da ADRIMINHO como "uma área que gostávamos de ver mais trabalhada e representativa da nossa estratégia". Ana Paula Xavier acredita que "as pessoas das zonas rurais têm direito de aceder a informação cultural como as da cidade".



Exposição da Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira / Vale do Minho

Resultado desta vontade, a actuação da associação pauta-se por uma lógica de intervenção integrada de apoio e dinamização de actividades culturais. O princípio norteia a intervenção consoante as exigências. De acordo com Ana Paula Xavier, as "Comédias do Minho nasceram para colmatar uma necessidade": a inexistência de uma companhia de teatro no território. Por isso, a iniciativa promovida pelas cinco câmaras do Vale do Minho tem o apoio da ADRIMINHO. "No apoio LEADER às Comédias do Minho procuramos apoiar não a associação, mas as actividades desenvolvidas", que englobam os espectáculos e a formação, ao nível das escolas e associações sócio-culturais. Pretende-se formar público, mas também desenvolver competências.

A filosofia expande-se para outras actividades como a Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira, também apoiada no quadro do LEADER. Um evento "muito importante para a região", que atrai visitantes da Galiza e de todo o país. "Ajudou a criar o nome de Cerveira - a Vila das Artes". Reflexo da influência desta iniciativa, a criação da Casa do Artista em Vila Nova de Cerveira, aberta a artistas para estúdios, alojamento e ateliés, apoiada pelo LEADER II.

A dinâmica surge também indissociada da utilização de programas como suporte financeiro. No âmbito do ON - Operação Norte (Programa Operacional da Região Norte), a associação está a trabalhar na "animação e dinamização dos centros históricos". O objectivo é envolver todo o Alto Minho "na criação de uma marca que são os centros históricos do Alto Minho". Pretende-se dar formação a técnicos de câmaras, instituições culturais e comerciais, para a "criação de uma rede cultural". Este é também o objectivo da candidatura ao INTERREG III A, um projecto

Animação cultural transfronteiriça

Os municípios do Vale do Minho, agregados na Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho, em conjunto com a Deputação Provincial de Pontevedra e o apoio do programa INTERREG, têm em curso a elaboração e a operacionalização de um Plano Estratégico do Vale do Minho para o horizonte do próximo Quadro Comunitário, e que terá em conta o lançamento de uma Associação Municipal Transfronteiriça.

Prepara-se, pois, o quadro institucional e programático que permitirá uma intervenção continuada e articulada dos territórios contíguos ao Minho. Mas trabalha-se, desde já, na articulação cultural. Neste Verão teve lugar o Encontro Luso-Galaico de Bibliotecas que reforçaram os contactos das estruturas de animação cultural de ambos os lados da fronteira, funcionando com carácter de continuidade uma Rede de Bibliotecas do Vale do Minho, dinamizada por um grupo de trabalho informal. E lançam-se projectos óbvios, como a criação de uma Eco Rota do Minho, para a promoção do rio em termos ambientais, envolvendo todos os municípios ligados ao rio, prevendo-se a criação de pontos de observação e de interpretação ambiental.

Mas o projecto mais emblemático envolve nada mais, nada menos, do que as fortalezas do Minho. Criadas para garantir a soberania política e, consequentemente, a separação dos territórios, são hoje imaginadas na óptica da aproximação e da união. Está já em execução um Plano Director que deverá ser apresentado publicamente em Outubro e que definirá a intervenção do projecto, prevendo-se, entre outras intervenções, a criação de dois centros de interpretação, um de cada lado da fronteira, para dinamizar o riquíssimo património cultural da Galiza e do Minho e para deixar, bem patente, esta realidade inextricável - a de que a Galiza e o Minho são como dois namorados que o rio traz separados quase desde o nascimento, e que o tempo há-de chegar em que tenham de pensar em fazer o casamento.

Francisco Botelho

Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira

"Desdobragem 16-5-86", de Eurico Gonçalves, foi a obra distinguida pelo júri da XIII Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira com o Grande Prémio Bienal de Cerveira. Sob o tema "A relação da Arte com a Academia no Século XXI - Criatividade e Dinamismo", a XIII Bienal de Cerveira, que decorreu de 20 de Agosto a 17 de Setembro, contou com a presença de cerca de uma centena de artistas de 17 países.

Pela primeira vez, o certame estendeu-se aos restantes municípios do Vale do Minho e à vizinha Galiza. Assim, além das nove exposições patentes em Vila Nova de Cerveira (Fórum Cultural - principal palco do certame -, Galeria Projecto, ETAP, Galeria da Pousada D. Dinis, Salão dos Bombeiros, Casa do Artesão, edifício da antiga escola primária, Convento de S. Paio e Centro Cultural de Campos), a bienal pôde ser visitada em Valença (ex-Alfândega), Paredes de Coura (Centro Cultural), Monção (Casa Museu) e Melgaço (Casa de Cultura) e nas localidades galegas de Tui (Área Panorâmica) e Tominho (Casa da Cultura).

De acordo com Henrique Silva, director da bienal, foi um desafio um pouco difícil mas que veio, de alguma forma, de encontro a uma preocupação antiga: a fraca participação da população local. Segundo Henrique Silva, "quando foi criada, em 1978, a ideia era que a bienal ficasse integrada na região como uma festa local mas foi-se distanciando, porque se teve de optar entre uma festa regional e uma festa nacional senão internacional". Os últimos 10 anos foram um trabalho de afirmação a nível nacional. Agora o desafio é a nível internacional.

Para isso, e com o objectivo de dinamizar o turismo cultural local e regional, incentivando a participação de diferentes públicos e a fixação de artistas e intelectuais na região, preservar e valorizar o património móvel e imóvel e colaborar na criação de uma rede concelhia de equipamentos culturais, vai ser constituída a Fundação da Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira. Além da promoção das artes contemporâneas, a fundação, já aprovada pelo executivo municipal, terá igualmente como responsabilidade a organização das bienais de arte, até aqui a cargo da Associação Projecto - Núcleo de Desenvolvimento Cultural.

A bienal de Cerveira não se esgota, porém, nas exposições que de dois em dois anos atraem milhares de visitantes de todo o país e de Espanha (Galiza, sobretudo). O programa inclui também espectáculos, conferências, *ateliers*, visitas guiadas. É um pólo de encontro e de troca de experiências em áreas tão diversificadas como gravura, cerâmica, pintura, desenho, escultura, artes digitais, sendo ou não ano de bienal.

Paula Matos dos Santos

transfronteiriço, que também envolve a ADRAT - Associação de Desenvolvimento da Região do Alto Tâmega. A Valorização da Rede Galaico-portuguesa dos Centros de Interpretação Museológica engloba "a recuperação de espaços museológicos com base numa marca: Rede de Turismo Cultural Galaico-Portuguesa". Através desta rede, pretende-se definir "requisitos dos espaços museológicos" e assegurar a divulgação da iniciativa através de uma rede telemática, a plataforma virtual www.roteirodevivencias.net. No âmbito do programa LEADER, a intervenção é alargada. Existe um projecto, em cooperação com a ADRIL - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Lima, de recuperação dos Caminhos de Santiago. No percurso Ponte Lima - Paredes de Coura - Valença - Santiago de Compostela, está feito o levantamento cartográfico e estado de conservação. Agora, pretende-se alargar o trabalho a outros percursos. Outra actividade apoiada é a bibliomóvel, "uma carrinha com equipamento informático e livros, que faz o percurso pelas zonas rurais mais distantes, para as pessoas terem acesso a livros e Internet". Outros instrumentos financeiros são utilizados em complementaridade. É o caso da Medida "AGRIS, que visa recuperar património e encaixa plenamente na nossa estratégia LEADER+".

A aposta numa intervenção de dinamização cultural é difícil. Os "investimentos imateriais têm pouca visibilidade", e muito distinta da lógica do betão e das infraestruturas. Mas a ADRIMINHO sente que a mentalidade "está a mudar". O que resulta de um trabalho em progressão, que "passa pela sensibilização e motivação de técnicos das autarquias e outras instituições com competências para pensarem no conjunto do território Vale do Minho".



"O Mosqueteiro" pela Comédia do Minho, Vale do Minho

Por isso, a lógica de animação defendida pela ADRIMINHO não se restringe ao apoio à realização de eventos, mas incide em pessoas e entidades ligados ao sector. Segundo Ana Paula Xavier, é preciso colocar todas as entidades "a pensar na questão cultural do território como um todo". Uma lógica de trabalho intermunicipal defendida e aplica pela ADRIMINHO através da "implementação de projectos conjuntos".

João Limão

Comédias do Minho

As pancadinhas de Molière soam na penumbra silenciosa da sala e um foco de luz acende-se e ilumina o rosto pintado de Angelo, a figura principal da peça "Mosqueteiro", de Angelo Beolco. Uma comédia refinada da dramaturgia do séc. XVI, elaborada com dinamismo burlesco, que chega a Cristoval, uma pequena freguesia no concelho de Melgaço, com 619 habitantes, pelas mãos da Comédias do Minho - Associação para a Promoção de Actividades Culturais no Vale do Minho.

Projecto teatral que iniciou actividade em Junho de 2004, a partir da iniciativa de cinco concelhos do Vale do Minho: Melgaço, Monção, Valença, Paredes de Coura e Vila Nova de Cerveira, a Comédias do Minho é uma associação sem fins lucrativos e uma companhia profissional de teatro. Segundo Joana Rodrigues, presidente da Direcção, o projecto surge "da vontade de cinco municípios de criarem e poderem oferecer à população actividade cultural que pudesse responder às especificidades da população", e assenta na convicção de que o teatro pode ser o motor da descentralização cultural, e criar condições de combate à desertificação e redução dos custos da interioridade. A Comédias do Minho vem responder à inexistência de uma companhia de teatro no Vale do Minho. O recurso a companhias de fora é uma solução incomparável. De acordo com a directora de produção Cláudia Regina, "com o teatro de fora, esses actores e essas peças nunca teriam o envolvimento com a comunidade que estes actores acabam por ter".

O trabalho da Comédias do Minho não se restringe aos espectáculos. Para Joana Rodrigues, "tão importante como as representações é a actividade que temos com as comunidades, ao nível da formação e animação". Formações de "Iniciação à linguagem teatral", "O teatro na escola" ou "Formação para amadores", e a animação "A palavra em movimento, o movimento da palavra" compõem o leque de actividades. A única dificuldade é responder às especificidades de cada concelho, mas Cláudia Regina acredita que "as Comédias do Minho são uma das poucas companhias que estão a cumprir a função de formar público".

A confirmação de que o projecto vem responder a uma necessidade observa-se na receptividade do público. "Temos público nas salas, sentado à nossa espera", garante Cláudia Regina, para quem esta situação implica "uma grande responsabilidade de termos um bom produto cultural para lhes dar".

João Limão

Tradição Oral Galaico-Portuguesa

A candidatura da "Tradição Oral Galaico-Portuguesa" a Património Oral e Imaterial da Humanidade foi apresentada à UNESCO em Outubro de 2004, para concorrer à 3ª Proclamação das Obras-Mestras Património da Humanidade, prevista para o próximo dia 25 de Novembro.

A candidatura sustenta-se na profunda identidade cultural existente entre as comunidades galega e portuguesa, e que abarca um extenso conjunto de manifestações que vão da literatura oral, música e dança, passando pelas formas de cultura ligadas às actividades agro-marítimas e fluviais, agrárias, artes e ofícios, manifestações festivas, pela simbologia e a própria afinidade linguística.

Salvaguardar e difundir este património para o futuro é o objectivo desta candidatura. Uma iniciativa promovida pela Associação Cultural e Pedagógica Ponte... nas ondas!, em que participam a Rede de Escolas Associadas à UNESCO bem como associações, entidades e instituições do Norte de Portugal e da Galiza.

Tal como preconizam as directrizes da UNESCO, esta candidatura nasceu da sociedade civil, portadora do património oral e foi continuando a somar vontades de associações, entidades e instituições até, finalmente, sensibilizar os governos dos dois países. A ideia começou a germinar em 2001, data em que a UNESCO realizou as primeiras proclamações de Obras-Mestras do Património Imaterial, e a Associação Ponte... nas ondas! promoveu em escolas da Galiza e do Norte de Portugal a dinamização do património comum.

Desde então, com o intuito de sensibilizar toda a sociedade, têm vindo a ser realizadas, com o apoio de várias entidades públicas e privadas, diversas actividades de promoção e divulgação do património Imaterial Galego-Português. Entre as que se têm realizado em Portugal, destaque para a Apresentação Pública da Candidatura, na Antiga Alfândega do Porto, em Fevereiro, e a Mostra do Património, que decorreu entre 3 e 5 de Junho, em Melgaço. O evento, promovido pela Câmara Municipal de Melgaço, contou com a presença de inúmeros *portadores* do património dos dois lados do Minho e foi apoiado pelo programa LEADER+ através da ADRIMINHO - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho.

Paula Matos dos Santos

Animação cultural na Península de Setúbal

A temática do lazer tem vindo a assumir um papel de destaque nas últimas décadas. O crescimento da sua importância social deve-se a vários factores: o reconhecimento do seu interesse para a melhoria da qualidade de vida das zonas rurais, o crescimento de um sector económico ligado ao entretenimento, com capacidades para estimular a dinâmica local, e o reconhecimento das intervenções no âmbito da cultura como potenciais possibilidades de tornar mais atractivas as zonas rurais e de construção de uma ordem social mais justa.

A animação lúdica, cultural, desportiva ou de lazer é uma componente fortemente presente na estratégia da ADREPES - Associação para o Desenvolvimento Rural da Península de Setúbal, dada a sua contribuição de forma integrada e sustentável para o desenvolvimento do seu território, possibilitando às populações locais uma melhoria da qualidade de vida e a preservação da sua identidade cultural.

Neste sentido, a ADREPES, tem promovido alguns projectos socioculturais, no âmbito do programa LEADER+, que importa destacar.

A exposição fotográfica "À Luz, a Luz Oculta da Serra d'Arrábida", promovida pelo Centro de Estudos Bocageanos é dirigida às populações dos três concelhos circundantes à Serra da Arrábida (Palmela, Sesimbra e Setúbal). Entre as actividades desta associação cultural distinguem-se: a publicação de seis obras, as múltiplas palestras e conferências realizadas, o acompanhamento de vários investigadores, as acções nas escolas, os saraus poéticos, a organização de exposições e a publicação de duas páginas mensais na imprensa local - uma de carácter cultural, outra dando voz aos alunos das escolas básicas e secundárias dos concelhos de Setúbal e Palmela. Este ano, o Centro de Estudos Bocageanos, em parceria com a Câmara Municipal de Setúbal e a LASA - Liga de Amigos de Setúbal e Azeitão, organiza o bicentenário da morte de Bocage. Ao longo do ano, o poeta é revisitado em múltiplas actividades de carácter erudito e popular, tendo como público-alvo as escolas e a população em geral.

Promovida pela Câmara Municipal de Sesimbra, a VII edição da Zimbrel 2005 - Feira do Mel da Península de Setúbal, contou com o apoio da ADREPES. Para além da mostra de mel e seus derivados, a feira promove o pão, o vinho, queijos, artesanato e outros produtos regionais, variados concursos, animação e colóquios. Através da animação infantil pretende-se despertar nas crianças o gosto pelos produtos da colmeia e o conhecimento da vida das abelhas em comunidade.



Em 2004 a ADREPES financiou a feira Festa Frutos e Sabores da Arrábida, promovida pela Câmara Municipal de Setúbal. Além de uma exposição dos recursos turísticos, dos produtos agro-alimentares e artesanais da região, o programa desta feira apresentou uma componente de animação com jogos tradicionais, acções de sensibilização ambiental, oficinas de ar livre e espectáculos. Este ano, a ADREPES aproveitou a sua realização para promover o II Encontro de Artes e Ofícios, que contou com a presença de 41 artesãos da Península de Setúbal.

"Viver Melhor, Viver com Autonomia" foi um projecto promovido pela Câmara Municipal de Palmela, em colaboração com o Centro Social de Lagameças, a União Social Sol Crescente da Marateca e a Associação de Convívio para idosos de Cabanas, com o objectivo de desenvolver aulas de exercício físico e mobilidade articular para os idosos que frequentam os respectivos Centros de Dia.

Promover e divulgar os recursos do território

Inserido nas comemorações do Dia do Ambiente, surgiu o projecto Educação Ambiental. Promovido pela AFLOPS - Associação de Produtores Florestais, com o objectivo de sensibilizar e informar a população do distrito de Setúbal sobre a importância da floresta e do ambiente, o projecto pretendeu intervir naquelas duas áreas (Floresta e Ambiente), com a colaboração das escolas, tendo sido criados espaços de informação, animação e sensibilização ambiental em alguns espaços públicos do distrito de Setúbal (Sesimbra, Moita, Montijo e Palmela).

"Sons da Ruralidade" é um projecto da responsabilidade da ADREPES, que consiste na emissão de programas radiofónicos, durante 10 meses, em quatro rádios locais (Popular FM; Rádio PAL; Rádio Santiago; EcoFm), por forma a abranger toda a área de intervenção da associação.

Promovido pela ADREPES, o projecto "Conhecer a Cultura da Península de Setúbal" visa promover e divulgar os recursos existentes no território de intervenção, através da exibição de 12 programas televisivos na RTP - a Dois -, visando: disponibilizar informação sobre a agricultura e o mundo rural; promover um conjunto de actividades e iniciativas ligadas aos diversos sectores da região, permitindo a interligação e o desenvolvimento dos vários actores económicos; abordar várias temáticas relacionadas com o território (apicultura, vinicultura, agricultura biológica, agricultura tradicional, zona florestal, floricultura, montado de sobro, pecuária, suinicultura, entre outros); e promover as feiras, festas e romarias da região, valorizando as tradições locais. O principal objectivo dos programas televisivos é sensibilizar todos os intervenientes nesta área para a necessidade de organizar esses mesmos recursos, no sentido de tornar a actividade turística sustentável.

Para além dos projectos financiados pela associação, importa destacar o trabalho desenvolvido pelo teatro O Bando. Um associado da ADREPES que se encontra sediado em Vale de Barris, Palmela, e que desenvolve a sua actividade em todo o país e além fronteiras. Neste momento, a sua programação conta a nível internacional com a participação na rede Magic Net e no projecto ODISSEIA EUROPA. A nível nacional têm frequentes exposições por todo o país, nomeadamente, a Residência Artística em Querença, iniciativa Faro Capital Nacional da Cultura 2005.

ADREPES



Território periférico de fronteira, a localização do Vale do Minho no corredor económico entre Portugal e Galiza abre perspectivas de desenvolvimento. No entanto, a estratégia territorial abre outras fronteiras através da aposta no sector cultural, nomeadamente no domínio da animação.

Constituído por seis concelhos: Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença, Vila Nova de Cerveira e Caminha, dos dez que compõem o distrito de Viana do Castelo, o território da ADRIMINHO - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho expande-se por 944,1 km², ao longo de 123 freguesias. Melgaço e Monção são os concelhos com maior área, com 239 km² e 211,5 km², respectivamente.

O território é coincidente com a sub-região do Vale do Minho, constituído-se como um espaço contínuo e homogéneo que, segundo Ana Paula Xavier, coordenadora do Grupo de Acção Local (GAL) da ADRIMINHO, se caracteriza pela "coerência geográfica", apenas contrariada pela recente criação da Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho, que excluiu o concelho de Caminha.

Ao nível da demografia do território, e de acordo com os Censos de 2001, o Vale do Minho detém uma população de 79.631 indivíduos, cerca de -4,76 por cento, em relação a 1991. Tendência contrária à NUT III "Minho - Lima", em que os 250.275 indivíduos correspondem a um aumento de 0,1 por cento do efectivo populacional.

Para esta evolução demográfica contrária à tendência da NUT contribuem as descidas em cinco dos seis concelhos da zona de intervenção. Melgaço (-9,3%), Monção (-8,5%) e Paredes de Coura (-8,3 por cento) registam as descidas mais acentuadas. Pelo contrário, Caminha é o único município em que se verifica um aumento (5,3 por cento).

A tendência para a quebra populacional acentua-se nas classes de idades mais jovens. Os números de "Variação da População Residente, entre 1991 e 2001 - 0 a 14 anos" são preocupantes. No conjunto dos seis concelhos do Vale do Minho observa-se uma descida de -32,36 por cento. Melgaço é, mais

uma vez, o concelho mais atingido, com uma quebra de -41 por cento, não muito distante dos valores de Monção e Paredes de Coura, com -39,7% e -38,1 por cento, respectivamente. Todos os concelhos sofrem descidas acentuadas nesta classe de idades, sendo Caminha o menos atingido, com -24,2 por cento. Tendência que sustenta uma descida mais acentuada do que na NUT "Minho - Lima", que regista -26,9 por cento.

Em sentido contrário, na classe de idades com "65 ou mais anos" observa-se uma subida em todos os concelhos, que atinge os expoentes mais elevados em Caminha (23,6%), Melgaço (19,5%) e Monção (17,3 por cento). Resultado deste crescimento, o Vale do Minho apresenta uma subida populacional entre este escalão etário, na ordem dos 16,48 por cento. Valor um pouco abaixo dos 20 por cento registados em "Minho - Lima", mas que contribui para o elevado índice de envelhecimento de 161,3 por cento, muito acima dos valores registados na NUT (111,1 por cento) e, especialmente, na Região Norte (67,8 por cento).

No capítulo da educação, o território tem assistido a um investimento no sector, que se materializou em exemplos como a Escola Profissional do Alto Minho Interior ou a COOPETAPE - Cooperativa de Ensino, crl. Uma dinâmica que leva Ana Paula Xavier a afirmar que "em termos de ensino profissional, penso que estamos bem servidos". No domínio do ensino universitário, o Instituto Politécnico de Viana do Castelo dispõe de pólos como a Escola Superior de Ciências Empresariais (Valença) e a Escola Superior de Desporto e Lazer (Melgaço) deslocados para o território da ADRIMINHO, além da existência da Escola Superior Gallaecia, em Vila Nova de Cerveira.

A localização periférica, encostada à fronteira, deriva em estrangulamentos e dificuldades, mas a existência de um troço comum com a região da Galiza implica afinidades culturais, económicas e sociais que se podem constituir como elemento potenciador de desenvolvimento do território.

Nos 70 km que vão de Caminha a Melgaço existem quatro pontes internacionais (duas em Valença - Tui, uma em Monção - Salvaterra e uma em Melgaço: Peso - Tomiño), e duas travessias de *ferries* (Caminha - A Guarda e Vila Nova de Cerveira - Tomiño). Comunicações transfronteiriças que contribuem para o aumento de importância geoeconómica no corredor económico Porto/Corunha.

Oportunidade latente, para já os dados dos Censos de 1991 indicam que o sector primário mantém um peso elevado na economia da região, correspondendo a 35,6 por cento da ocupação. Na base deste peso estão algumas

das actividades mais características do território. Caso do sector vinícola, em particular com os vinhos verdes, ou a criação de bovino barrosão e de gado caprino, além de alguma produção de leite, “por todo o território de montanha”. Importante ainda salientar a importância económica da pesca da lampreia, em vários concelhos, mas especialmente em Caminha. Os 34,8 por cento do sector secundário têm a sua sustentação em “dois concelhos muito fortes: Valença e Vila Nova de Cerveira”. Indústrias como a de componentes para automóvel, plásticos, ou associadas à pesca, implicam a existência de duas zonas industriais cheias. Por fim, o sector terciário acaba por ter o maior peso na economia local, correspondente a 39,7 por cento de ocupação.

Presente e futuro apontam o turismo como um sector de elevado potencial económico. Apesar de Ana Paula Xavier reconhecer que a “região sofre de ser zona de passagem”, paisagem, e património ambiental e arquitectónico constituem elementos de atractividade.

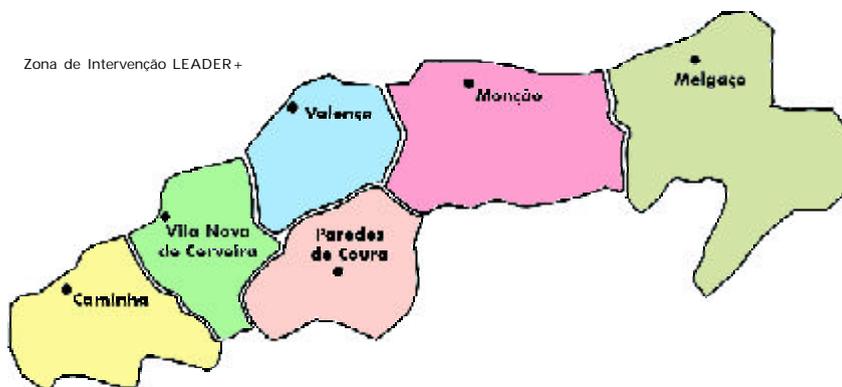
Paisagem é forte produto turístico

A paisagem é assinalada como produto turístico preferido por 38% de espanhóis, 35% de ingleses, 33% de portugueses e 30 por cento de franceses. Riqueza associada à dimensão de protecção ambiental, na qual o território apresenta um alargado conjunto de espaços protegidos. Destacam-se o Parque Nacional da Peneda do Gerês, Serra D’Arga (inclusão na Rede Natura), Mata Nacional do Camarido, Estuário do Rio Minho e Coura, Paisagem Protegida de Corno de Bico, e Orla Costeira de Caminha.

Outro ponto forte é o valioso património histórico e arquitectónico, presente nos seis concelhos. Melgaço, “onde Portugal começa...”, apresenta o centro histórico de traços medievais, com castelo e torre de menagem, Casa do “Solar do Alvarinho”, Igreja Matriz e Convento das Carvalhiças, complementado pelas igrejas de S. Salvador de Paderne e Matriz de Castro Laboreiro. Em Caminha encontra-se a praça quinhentista Conselheiro Silva Torres, centro histórico da vila, com o “Chafariz do Terreiro”, Paços do Concelho e Torre do Relógio, a “Casa dos Pitás” (manuelino tardio), ou a Igreja Matriz renascentista, além da Capela de São Pedro de Varais, na freguesia de Vile. Monção, terra das termas e do “Alvarinho”, tem as muralhas, Ponte de Mouro, Igreja Matriz, Palácio da Brejoeira, Mosteiro de Longos Vales, ou Torre de Lapela. Enquanto Paredes de Coura, a “Terra de Coyra” como lhe chamou D. Manuel I, guarda vestígios da passagem da “Via Militar Romana de Braga a Astorga” comprovada nos oito marcos miliares existentes no concelho, troços medievais do “Caminho Português de Santiago”, Capela do Ecce-Homo em Padroanelo, igreja velha de Vascões e igreja românica de S. Pedro de Rubiães.

No interior do perímetro amuralhado de Valença, pode-se apreciar o Campo de Marte com o seu Paiol Geral, o barroco da Capela Militar do Bom

Zona de Intervenção LEADER+



Jesus e da Capela de S. Sebastião, assim como a estátua de S. Teotónio. Além da Igreja de Santa Maria dos Anjos e Capela de Nossa Senhora do Pranto. Vila Nova de Cerveira, a “vila das artes”, dispõe do castelo, Monte da Capela do Espírito Santo (origem castreja), Fonte da Vila, Igreja Matriz, Solar dos Castros, Capela de S. Roque, além da escultura em ferro do “Rei Cervo”, da autoria de José Rodrigues.

A par desta preservação do património histórico, tem existido uma aposta na criação de espaços museológicos e de apoio à produção artística, de que são exemplo o Museu Regional de Paredes de Coura, Museu de Cinema de Melgaço, Museu de Arte Contemporânea da Bienal de Cerveira, Aquamuseu, Casa do Curro, Casa do Artista “Pintor Jaime Isidoro” e Casa do Artesão, além de incentivos a estratégias de animação cultural. Monção, a terra da “Coca”, da “Santa Coca”, da luta do bem sobre o mal, faz desta festa um dos tradicionais eventos de animação cultural. Estratégia que, na actualidade, se prolonga em actividades como a Rota dos Vinhos Verdes, os Caminhos de Santiago, o apoio à companhia de teatro Comédias do Minho, Bienal de Artes de Vila Nova de Cerveira, ou mesmo nos festivais de música de Paredes de Coura e Vilar de Mouros.

Trunfos estratégicos, a que se juntam os tradicionais espaços dedicados ao termalismo como Monção e Caminha, as praias (Moledo), a ecopista de Valença a Monção, ou a Branda da Aveleira (alojamento turístico). No âmbito da gastronomia, dizia Ramalho Ortigão que “a maneira como se cozinha e o que se cozinha marca o índice de civilização de um povo”. Marcado pelo vinho Alvarinho, que ganhou fama desde o séc. XVI, quando os ingleses importavam vinho branco de Monção, o Vale do Minho desfila predicados civilizacionais na lampreia seca assada, arroz e cabidela de lampreia, salmão e sável de escabeche, solha seca assada, bacalhau à São Teotónio, trutas do Rio Coura, enchidos e cabrito da Serra d’Arga, cabrito de Anhões ou meixão com molho picante.

Sobra ainda o artesanato, patente na cerâmica, tecelagem, cestaria, bordados e rendas, artefactos de madeira, brinquedos, artes de metal, e artes decorativas.

João Limão



Paredes de Coura / João Limão



Melgaço / João Limão

ADRIMINHO

Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho



A constituição da ADRIMINHO, em Agosto de 1994, "foi uma questão de oportunidade", revela a coordenadora do Grupo de Acção Local (GAL) da ADRIMINHO, Ana Paula Xavier.

"Uma vez que o Vale do Minho não tinha sido alvo do programa LEADER I, algumas entidades da região - motivadas até pela experiência vizinha do Vale do Lima - começaram a criar condições no sentido de constituir uma entidade que pudesse implementar o LEADER II na região". De acordo com Ana Paula Xavier, o processo foi tranquilo, tendo assinado a escritura de constituição da ADRIMINHO 15 entidades consideradas representativas da região. Número que apenas viria a sofrer alterações significativas no final do LEADER II quando, face aos resultados atingidos, a ADRIMINHO decidiu convidar o Clube Celtas do Minho, Melgaço Radical, ACEB, Projecto Núcleo de Desenvolvimento Cultural de Vila Nova de Cerveira, COOPETAPE e Quintas de Melgaço.

Ainda que a associação tenha sido criada para gerir o LEADER II no Vale do Minho, a acção da ADRIMINHO não se tem limitado a este programa. Toda a estratégia de actuação da associação tem sido desenvolvida e melhorada ao longo dos anos mediante a implementação de diversos programas e instrumentos de apoio. Hoje, como nunca, sabe-se que este é o caminho, como refere Henrique Tavares. "Temos cada vez mais consciência da necessidade de complementar os instrumentos financeiros disponíveis". Ainda que o LEADER permiti-

ta, de facto, uma gestão muito mais próxima das pessoas, Henrique Tavares não tem dúvidas: "O LEADER só poderia ser um instrumento único se tivesse uma dotação financeira muito superior".

Por isso, a par de um PAL LEADER II orientado em torno da agricultura, turismo e ambiente, a ADRIMINHO constituiu, através do projecto NOW, um Núcleo de Apoio à Mulher Rural "para motivar, formar e apoiar as mulheres rurais de modo a facilitar a sua integração no mercado de trabalho", e foi buscar o ADAPT "de forma a contribuir para a modernização e actualização da capacidade das empresas e dos trabalhadores do sector turístico", através de formação profissional adequada. Actualmente, além do LEADER + a ADRIMINHO conta com um PI (Plano de Intervenção) aprovado no AGRIS e mais três em fase de aprovação, e dois projectos no ON - Operação Norte (Programa Operacional da Região do Norte) - Medida 2.5, na área da formação profissional.

Porque a associação tem vindo a conseguir impor-se no território, não obstante as dificuldades nalguns momentos, começa a pensar na certificação da qualidade dos serviços prestados pela ADRIMINHO, através da norma ISO 9001:2000.

ADRIMINHO
Av. Miguel Dantas, 69
4930-678 Valença
Telefone: 251 825811/2
Fax: 251 825620
E-mail: adriminho@mail.telepac.pt
Site: www.adriminho.pt

Órgãos sociais

Direcção: Presidente Associação de Municípios do Vale do Minho | Vice-Presidente Associação de Agricultores de Paredes de Coura | Tesoureiro Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho | Secretário União Empresarial do Vale do Minho | Vogal ADEMIMHO - Escola Profissional do Alto Minho Interior | 1º Suplente Associação dos Jovens Agricultores do Minho | 2º Suplente APA - Associação de Produtores de Alvarinho | Mesa da Assembleia-geral: Presidente Região de Turismo do Alto Minho | Vice-Presidente Associação Cultural, Recreativa e Desportiva - Melgaço Radical | Secretário ACEB - Associação para a Cooperação Entre Baldios | Suplente AGRESTA - Associação de Agricultores do Minho | Conselho Fiscal: Presidente Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Alto Minho | Secretário Adega Cooperativa Regional de Monção | Relator TURIHAB - Associação de Turismo de Habitação

Associados / Parceria LEADER+ (GAL)

Associação de Municípios do Vale do Minho: Região de Turismo do Alto Minho; Associação de Agricultores de Paredes de Coura; Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho; União Empresarial do Vale do Minho; ADEMIMHO - Escola Profissional do Alto Minho Interior; Associação dos Jovens Agricultores do Minho; APA - Associação de Produtores de Alvarinho; ACIVAC - Associação Comercial e Industrial dos Vales do Ancora e Coura; Associação Comercial e Industrial dos Concelhos de Monção e Melgaço; AGRESTA - Associação de Agricultores do Minho; Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Alto Minho; Adega Cooperativa Regional de Monção; TURIHAB - Associação de Turismo de Habitação; Associação Cultural, Recreativa e Desportiva - Melgaço Radical; ACEB - Associação para a Cooperação Entre Baldios; Clube Celtas do Minho; Projecto Núcleo de Desenvolvimento Cultural de Vila Nova de Cerveira; COOPETAPE - Cooperativa de Ensino, CRL; Quintas de Melgaço, Agricultura e Turismo, SA

PDL LEADER+

Melhorar a qualidade de vida nas zonas rurais

Melhoria da qualidade de vida das zonas rurais. É em torno deste tema federador que foram identificados os principais objectivos do Plano de Desenvolvimento Local (PDL) da ADRIMINHO, no âmbito do LEADER +: reforço da capacidade de empreendimento e de iniciativa empresarial; diversificação da economia rural, valorização e promoção dos produtos locais; promoção de novas estruturas e modos de comercialização para produtos locais; ordenamento e qualificação do espaço rural e valorização dos recursos naturais.

Resultado de uma reflexão conjunta entre diversas entidades da Zona de Intervenção (ZI) - associados, autarquias e outras instituições locais -, o PDL LEADER + da ADRIMINHO dá, de forma global, seguimento à estratégia definida para o LEADER II, assente na fileira Agricultura, Turismo e Ambiente. Segundo Ana Paula Xavier, "se conseguirmos criar condições para que as pessoas gostem de cá estar, evitamos pelo menos que elas saiam". Por isso, uma das apostas deste PDL recai na área cultural. "Esta é uma área que, desde o LEADER II, gostávamos de ver mais trabalhada", porque, defende, "as pessoas das zonas rurais têm o direito de aceder à informação cultural tal como as da cidade". Projectos iniciados no LEADER II, como as bibliomóveis (bibliotecas rurais itinerantes), repetem-se no LEADER +. Outros, como, as Comédias do Minho, surgem para consolidar a estratégia. "A nossa

grande preocupação é pôr as entidades a pensar na questão cultural no território como um todo".

Reflexo do próprio território, o sector primário continua a ter muito peso na estratégia de desenvolvimento para o Vale do Minho. Para Ana Paula Xavier, não obstante a ADRIMINHO ter apoiado muitos projectos no LEADER II, é importante continuar a fazê-lo porque a manutenção dos espaços rurais é fundamental. Este PDL contempla, assim, a agricultura, a floresta e a pesca artesanal - actividades tradicionais que têm a ver com a dinâmica económica do território. Mas também o artesanato, as pequenas e médias empresas, o ambiente, o património e o turismo. Sempre na perspectiva do desenvolvimento integrado e sustentado do Vale do Minho.

Segundo Ana Paula Xavier, o número de projectos aprovados não ilustra a procura: mais de 200 intenções de candidaturas deram entrada na ADRIMINHO. Contas feitas, até 1 de Agosto último, a ADRIMINHO aprovou 36 projectos na Medida 1 (Investimentos), 21 na Medida 2 (Acções Imateriais). Considerando a Medida 4, o investimento total aprovado no Vector 1 (Desenvolvimento Rural) situa-se nos 4.409.577,11 euros. No Vector 2 (Cooperação), os seis projectos aprovados até 31 de Maio último totalizam 217.927,12 euros de investimento total. Com um PDL LEADER + de 4.915,24 euros a verba encontra-se, naturalmente, esgotada.

Textos de Paula Matos dos Santos

Equipa Técnica do GAL



Ana Paula Xavier
Coordenadora

"Comecei a trabalhar na ADRIMINHO tinha 24 anos", recorda Ana Paula Xavier. A associação acabava de ser constituída, pelo que a elaboração do PAL LEADER II foi o seu primeiro desafio. Ana Paula Xavier sublinha a sua pouca experiência na altura mas a verdade é que, para além do curso de Engenharia Agrária, na Escola Superior Agrária de Bragança - ao qual acrescentou posteriormente uma licenciatura em Gestão e Organização de Recursos Rurais, Escola Superior Agrária de Ponte de Lima -, levava já alguma "bagagem" profissional. Participara na construção do PDAR da Terra Quente, leccionou em Vila Flor e Carrizada de Ansiães e fez um curso de Jovens Agentes de Desenvolvimento Local, apoiado pela CCRNorte. Natural de Mirandela, Ana Paula Xavier encontrava-se já em Valença a fazer um estudo para a Associação de Municípios do Vale do Minho - constituída meses antes -, quando surge a necessidade de criar a ADRIMINHO. Convidada a corporizar a equipa, não hesita. Passados 11 anos, "a metodologia LEADER começa a ser uma prática de actuação".



Henrique Tavares
Gestor Financeiro

Concluída a licenciatura em Economia (Universidade Portucalense, Porto), Henrique Tavares regressa a Viana do Castelo, de onde é natural e reside. Chega à ADRIMINHO em 1996, após um ano "cheio" de experiências: vários estágios, um curso de formação de formadores e a leccionar. Ainda que desconhecendo a área, Henrique Tavares candidata-se a um lugar na ADRIMINHO. Fica. A associação toma o seu rumo, cresce e "depois é complicado sair" porque, diz, "é uma actividade muito activa, onde se lida com muitas situações e nos sentimos recompensados quando vemos os projectos que incentivámos e apolámos".

Defendendo que "no meio rural a obra feita tem outra dimensão", Henrique Tavares não tem dúvidas que a ADRIMINHO já fez muito mas que ainda é necessário fazer mais, até porque "é esse o nosso papel". "Temos cada vez mais consciência da necessidade de complementar os instrumentos financeiros disponíveis mas, se tivesse uma dotação financeira muito superior, o LEADER poderia ser um instrumento único".



Mónica Fernandes
Técnica

Fazer o acompanhamento dos projectos no âmbito do programa LEADER + e da Medida AGRIS, da candidatura à execução, são as funções de Mónica Fernandes na ADRIMINHO. A oportunidade de entrar para a associação surgiu em Janeiro de 2003, antes mesmo da conclusão do curso de Engenharia Civil e do Ambiente, na Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Natural de Melgaço, onde nasceu há 25 anos, Mónica Fernandes vive actualmente em Ponte de Lima. Os cerca de 35 quilómetros que a separam de Valença não constituem obstáculo de maior, graças a uma auto-estrada, sublinha.



Célia Viana Araújo
Administrativa

Natural de Valença, 23 anos, Célia Viana Araújo está na ADRIMINHO desde Março de 2002. Tinha terminado o curso técnico-profissional de Secretariado quando teve conhecimento da existência de uma vaga na associação. "Enviei o currículo, chamaram-me para entrevista e fui seleccionada. Gostei, fiquei e espero continuar". Como a equipa é pequena, Célia Viana Araújo, para além das funções de atendimento, ajuda os promotores nos formulários do LEADER + e dá uma "mão" nas feiras quando é preciso. É aqui que, diz, "sentimos que muita gente conhece a ADRIMINHO".

Um fim-de-semana no Vale do Minho

Ao longo do Minho

A Natureza foi pródiga com o Minho. Fê-lo rio entre encostas solarengas, que cedo atraíram gente. Gente que teve de se preparar para a defesa do território, edificando aquilo que hoje é um inestimável património arquitectónico. A Natureza e os homens fizeram deste extremo norte de Portugal uma terra de eleição. Com uma forte identidade. Uma terra para a descoberta de muitos fins-de-semana.

Não me atrevo, desta vez, a sugerir um percurso. Deixo-lhe apenas sugestões temáticas. Enverede pela que quiser, ou então misture-as a seu bel-prazer.

Começemos pelo património. É tanto e tão diversificado que justifica a primeira sugestão. Vá até à ponta do concelho de Melgaço, até Castro Laboreiro. Você merece o atrevimento de subir o íngreme caminho que conduz ao Castelo de Castro Laboreiro, para conquistar a fortaleza. E para se deslumbrar com a paisagem que a 360° se lhe proporciona, à medida que vai subindo. Desça depois com os olhos cheios e os pulmões lavados. Percorra tranquilamente a estrada para Melgaço e detenha-se em Lamas de Mouro. Há sítios que simulam perfeitamente o paraíso e este será um deles. Refresque-se com a natureza e aproveite para usufruir das modernas instalações ao serviço do Parque Nacional da Peneda-Gerês, que ali tem a sua porta norte.

Vá depois até à vila de Melgaço. Percorra as ruas medievais, visite o Castelo. Aprecie o Fosso Medieval, cuidadosamente preservado. Deixe-se ficar por um dos jardins, usufrua das numerosas esplanadas. Se tiver tempo dê uma saltada ao Museu do Cinema para se deliciar com o passado da sétima arte. E visite o Solar do Alvarinho, claro.

Se quiser, dê uma saltada à Igreja do Convento de Paderne, românica do século XIII, com planta de cruz latina. Ou então, na encosta da serra da Peneda, visite a Igreja do Mosteiro de Fiães, outro exemplar do século XIII. Visite uma das brandas ou inverneiras, aldeias ocupadas em forma de alternância, umas utilizadas no Verão (brandas ou verandas) e outras no Inverno (inverneiras). Sempre seguindo o rio Minho, desça um pouco mais até Monção. Entre nas muralhas e vá até à Casa do Curro, um belo solar do século XVIII, hoje desempenhando funções de Turismo, exposição de artesanato e também Paço do Alvarinho. Deixe-se ficar pela Praça de Deu-la-deu, o centro social de Monção, vá até à fonte da Vila, manuelina, descubra os meandros da praça-forte. Ensaie uma deslocação ao Palácio da Brejoeira, edifício do começo do século XIX e que é um dos mais significativos edifícios senhoriais de Portugal. E já a caminho de Valença, dê uma saltada a Lapela, para contemplar a Torre medieval na sua imponência de 35 metros de altura.

Em Valença entre com cuidado na fortaleza. O comércio prolifera por todo o lado, mas o espaço é único. Valença é hoje um dos centros históricos mais harmoniosos e conservados, com uma vida intensa e diversificada. Debruce-se nas muralhas a contemplar o Minho e, do outro lado, a praça de Tui. Ali tão perto. Não lhe proponho uma digressão ao outro lado, hoje fácil pelos novos

acessos rodoviários. Só aceitaria que se atrevesse a passar o rio na velha ponte modelo Eiffel, com dois tabuleiros, um para a circulação dos comboios, outro para a dos automóveis.

Demande depois Vila Nova de Cerveira, a Vila das Artes, como já é chamada pelo papel da sua Bienal de Artes Plásticas. Percorra as ruas da vila e deslumbrar-se com a marca do passado, agora cozida com as manifestações do melhor das artes modernas. Visite o Museu da Bienal e o recente Aquamuseu, uma unidade de interpretação e divulgação do rio Minho. Atreva-se depois a ultrapassar os contrafortes da Serra de Arga, em direcção a Paredes de Coura. Observe o Pelourinho e os antigos Paços do Concelho, visite o Museu Regional e o Centro Cultural.

Se não quiser optar pelo património, dedique-se à Natureza. Descubra as pesqueiras do Minho e as inúmeras povoações ribeirinhas. Aventure-se até aos numerosos cais. Entre num barco e observe as belíssimas margens.

Mas se quiser internar-se nas montanhas circundantes, deixo-lhe duas sugestões. A primeira a de franquear o nosso único parque nacional, o da Peneda-Gerês. A segunda, mais original, a de descobrir a Paisagem Protegida de Corno do Bico, em Paredes de Coura. Os percursos sinalizados permitem-lhe internar-se na natureza sem se perder. Estruturas de apoio, discretas mas eficazes, proporcionam-lhe a contemplação da natureza e a descoberta de fauna e flora riquíssimas. E um cuidado menu de percursos pedestres pode franquear-lhe a descoberta de toda a região.

Se lhe restar tempo e disposição, sempre poderá percorrer de bicicleta, a pé ou a cavalo, a recente ciclovia que liga Valença a Monção, utilizando o antigo percurso de comboio. É o percurso ideal para compreender a agricultura e o povoamento desta zona ribeirinha do Minho.

Mas outra opção poderia ser a sua. A dos sabores. Que passam pelo delicioso néctar da uva, o Alvarinho, um dos vinhos mais elaborados do mundo. Descubra a cultura do vinho. Visite uma das muitas casas que o produzem. Saboreie o líquido acompanhado de um bom enchido ou de um bom queijo. Converse com as pessoas que lhe transmitem o seu amor pela terra e pelos seus produtos. Vá à Casa do Curro em Monção, ou ao Solar do Alvarinho em Melgaço e faça uma boa introdução. Saboreie o Alvarinho em qualquer um dos restaurantes que frequente. Este vinho é fruto da terra úbere, do sol fértil e do suor entranhado das gentes do Minho. Por isso é único. Por isso merece a devoção de muitos fins-de-semana.

Francisco Botelho



Paisagem Protegida de Corno do Bico / João Limão



Castelo Alvarinho (V. Alvarinho) / Museu do Alvarinho

para dormir

Branda da Avela
Gave - Melgaço
Tel.: 251 487360 / 93 389 42 59
www.brandadaavela.com

Casa da Eira
Laços - Gondomil (Valença)
Tel.: 251 921 905 / 93 958 23 51

Sonho da Serra
Paredes de Coura
Tel.: 251 788 041

Hotel Monte de Prado
Melgaço
Tel.: 251 400 130

Hotel Termas de Monção
Monção
Tel.: 251 640 110

Estalagem da Boega
Vila Nova de Cerveira
Tel.: 251 700 500

para comer

O Conselheiro
Paredes de Coura
Tel.: 251 782 610

Adega do Sossego
Peso - Melgaço
Tel.: 251 404 308

Panorama
Melgaço
Tel.: 251 410 400

Casa das Velhas
Vila Nova de Cerveira
Tel.: 251 708 482

Mané
Valença
Tel.: 251 823 402

Quinta da Oliveira
Monção
Tel.: 251 653 235

para visitar

Ecopista (Monção/Valença): Parques de pesca "Casa do Xisto" (Paredes de Coura) e da Rainha (Monção); Museu Etnográfico de Paredes de Coura; Casa do Curro (Monção); Centro Interpretativo da Natureza da Serra d'Arga (Caminha); Praia Fluvial do Taboão (Paredes de Coura); Termas do Peso (Melgaço)

Zona Protegida de Corno de Bico (Paredes de Coura): Porta de Lamas do Mouro - Parque Nacional da Peneda-Gerês (Melgaço); Aquamuseu de Vila Nova de Cerveira; Museu do Cinema (Melgaço); Torre de Menagem (Melgaço); Núcleo Museológico de Castro Laboreiro (Melgaço); Parque Termal de Monção

para levar

Artesanato em Linho (Rosa Ferreira - Lugar de Alvarica/Argela - Caminha); **Vinho Alvarinho** (Solar do Alvarinho - Melgaço); Quintas de Melgaço; Paço do Alvarinho - Monção; Adega de Monção); **Fumeiro** (Edmundo Domingues Vila/Castro Laboreiro - Melgaço; Roberto Rodrigues Rodeiro/Castro Laboreiro - Melgaço; Solar do Alvarinho - Melgaço); **Cerâmica** (José Meleiro - Lagleja/Cambeses - Monção; EPRAMI - Paredes de Coura; João Carvalho - Vila Praia de Ancora - Caminha); **Joalheria** (Liliana Guerreiro - S. Bento/Cossourado - Paredes de Coura); **Trabalho Artesanal em Vidro** (Isabel Gonçalves - Zona Industrial de S. Pedro da Torre/Pedras Brancas - Valença)

Rede de percursos pedestres

Entre a ria e o mar

Virada para o Oceano, Ílhavo é uma cidade marinheira e um concelho com um património ligado ao mar, às actividades piscatórias das pequenas povoações e à pesca do bacalhau no mar do Norte.

Numa época em que o desenvolvimento das novas tecnologias parece ser um imperativo urgente e indiscutível, e a tendência da população, sobretudo da mais jovem, parece ir no sentido de um crescente desinteresse pela salvaguarda das tradições, qual o futuro deste (e de outros) paraísos culturais?

A valorização e promoção do património cultural, a gestão integrada dos recursos, a sua acessibilidade e dinamização, teriam que representar uma etapa importante no processo de planeamento do desenvolvimento socio-económico para estas áreas. Para além dos benefícios ligados à revitalização de actividades económicas tradicionais e à geração de emprego, a valorização do património responde à exigência de ensinar às novas gerações não só a utilização dos modernos meios de comunicação mas, primeiro que tudo, os próprios conteúdos a comunicar; isto é, transmitir as suas referências culturais, como base necessária para o encontro com outras realidades, recuperando o processo que os antigos gregos chamavam de *paideia*, a formação do "homem livre", livre de se afirmar plenamente com base no seu património cultural, para uma competição e colaboração leal com os outros.

É com base nestes pressupostos e reflexões, com o objectivo de dinamizar e tornar mais acessível o património cultural aos visitantes e à população local, que a HERA - Associação para a Valorização e Promoção do Património está a colaborar na realização de um projecto promovido pela Câmara Municipal de Ílhavo: a criação de uma Rede de Percursos Pedestres, constituída por Trilhos de Natureza e Trilhos Urbanos, no território do concelho.

Percursos estão homologados

A primeira fase deste projecto contemplou a criação do Trilho da Natureza "Entre a Ria e o Mar" e do Trilho Urbano "Costa Nova". Os percursos, inaugurados no passado dia 26 de Junho, encontram-se homologados, seguindo todas as normas da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, e complementados com painéis descritivos e informativos. Com cerca de 11 quilómetros, ao longo da costa litoral, entre a Barra e a Costa Nova, e do Canal de Mira, o trilho "Entre a Ria e o mar" foca particularmente o interesse naturalístico do sistema dunar da praia da Barra e da Costa Nova e da zona ribeirinha.

O trilho urbano "Costa Nova", com cerca de três quilómetros de extensão, apresenta como tema específico a herança cultural da Costa Nova, povoação cujas origens estão intimamente ligadas à arte da pesca e ao mar. O levantamento dos recursos culturais, efectuado pela associação HERA, no âmbito deste projecto, registou a presença de um grande património cultural, que se manifesta nas mais variadas formas: gastronomia, arquitectura, paisagem lagunar, conchas que decoram as casas típicas e até na fascinante forma de ser dos habitantes, na sua maioria pescadores. Costa Nova surgiu no início do século XIX, como sítio onde se praticava a Arte Xávega, actividade piscatória realizada com barcos característicos em forma de meia-lua. Na verdade, inicialmente só eram edificados neste sítio, e a poucos metros do mar, os *palheiros* (construções de madeira cobertas com caniço, e daí talvez o nome "palheiro") para guardar as alfaías da apanha das algas e da faina. Mais tarde, devido à



abundância do peixe, os pescadores e os mercadores de pescado começaram a transferir-se definitivamente para este local com as suas famílias: os palheiros, anteriormente utilizados como armazém, foram então convertidos em habitações, e outros foram surgindo, apresentando novas características arquitectónicas e estéticas. Este local tornou-se tão sugestivo que, a partir de 1822, representou um destino turístico para famílias da alta burguesia. Os "novos palheiros", pintados às riscas, representam ainda hoje o *ex-libris* da Costa Nova.

Na idealização e planificação deste trilho atribui-se particular destaque à presença dos palheiros, para o património arquitectónico e cultural que representam. Mas pretendeu-se ir mais além: o pitoresco mercado do peixe, o bairro e o cais dos pescadores, representam só algumas das etapas sugeridas no trilho, que prevê uma forte interacção do visitante com a população local.

O grande desafio das entidades envolvidas no projecto é conseguir implementar a ideia de que é possível desenvolver uma área, embora periférica, de forma sustentável e integrada, através da dinamização dos seus próprios recursos, da sua riqueza histórica, cultural e paisagística, potenciando e diversificando a sua oferta turística, mas também aumentando a sensibilidade ambiental e a consciência histórico-cultural, logo a auto-estima, da própria população local.

Um desafio que não prevê derrotas, e que pretende ser exemplar para o desenvolvimento de outras áreas similares.

Fabio Carbone
Presidente da HERA

HERA
E-mail: hera.avpp@katamail.com
www.heraonline.org

I Expositó



Uma das acções de maior sucesso promovida pela Terras de Sicó - Associação de Desenvolvimento, com o apoio do programa LEADER, foi a Feira do queijo Rabaçal.

Com o tempo e o sucesso decorrente das dinâmicas criadas, pensou-se ampliar a feira, abrindo-a a outros produtos e acções. Se assim se pensou, melhor se executou. Em Maio de 2005 realizou-se a I Expositó. Mais do que uma mostra de produtos e sabores da nossa região, a Expositó foi um certame que procurou dar visibilidade ao mundo rural.

Ao apostar nos produtos locais, como factor de afirmação e dinamização económica do território, não nos devemos abstrair de quem os produz. As manifes-

tações do que somos e temos são vitais para aumentar a atractividade das zonas rurais. As feiras, as mostras gastronómicas e da cultura regional são essenciais para a recuperação do orgulho e dignidade das populações. Feiras como a Expositó permitem a reconstrução de uma identidade por parte de grupos, de comunidades e de territórios, e a (re)conquista da cidadania, como direito e responsabilidade de todos, e são elementos culturais e turísticos de inigualável importância. Passo a passo, a Expositó pode e deve afirmar-se como uma referência cultural da região das Terras de Sicó. Sente-se que a população está envolvida nestes eventos e isso é meio caminho andado para o seu sucesso.

Organizada pela Terras de Sicó, a Expositó visou preservar o património cultural, enaltecendo os nossos recursos endógenos, propiciando o seu desenvolvimento sustentado. Potenciar as nossas riquezas naturais, históricas e culturais é um importante desafio a vencer. Apostar no que de melhor temos é fundamental para a nossa auto-estima, confiança e esperança no futuro.

Preservar a cultura e os saber-fazer

No âmbito da Expositó, a Terras de Sicó promoveu um dia dedicado às crianças. Fazer com que as camadas mais jovens da população compreendam a importância de preservar a cultura e os saber-fazer dos seus antepassados é uma preocupação nossa. Assim se ensinam os jovens a olhar para a comunidade como uma preocupação de todos. Preservar o nosso património cultural é reconhecer a história e uma identidade comum.

Sendo espaços de festa e alegre convivência, as feiras devem ser também espaços únicos de debate sobre o desenvolvimento da região. Neste sentido, a Expositó promoveu debates sobre "Produtos locais e a identidade do território". O desenvolvimento dos territórios rurais far-se-á pelo pluralismo e a discussão de ideias, é por elas que as comunidades se constituem, crescem e desenvolvem. É pelas ideias que os territórios

formam a sua vontade e os seus projectos assentes num destino comum. A manifestação da cultura de um povo é o espelho de uma identidade única e viva. Por isso, certames como a Expositó caracterizam-se por uma multiplicidade de actividades e eventos. Assim, inserida na I Expositó esteve também a XVI Feira do queijo Rabaçal, o XVI Festival de Folclore da Serra de Sicó, o V Festival Gastronómico do Cabrito e Borrego de Sicó e a I Mostra do Azeite e Mel de Sicó.

Naturalmente que estes eventos têm como objectivo futuro a construção de uma grande vontade e finalidade de ultrapassar as desvantagens económicas e sociais. Neste sentido, a iniciativa comunitária LEADER e os Grupos de Acção Local (GAL) são uma mais-valia na manutenção e criação dessas dinâmicas.

O futuro da nossa região depende da criatividade de todos e da capacidade de nos organizarmos e publicitarmos o que temos e fazemos. Há uma identidade comum e um passado que nos caracteriza e que será a alavanca efectiva de mais desenvolvimento económico, cultural e social. Cabe também aos GAL explorar este passado. Tenhamos consciência das nossas debilidades, mas tenhamos esperança sobre as oportunidades de sustentabilidade de crescimento da região.

A identidade e a auto-estima dos que habitam os territórios rurais tem que ser reforçada diariamente; a afirmação de cada um de nós, será a afirmação de todos. Pensar no futuro das Terras de Sicó e de manifestações culturais como a Expositó é apelar à disponibilidade de todos na construção de um futuro comum. É por acreditarmos na cultura de um povo, na juventude desta região, que continuamos optimistas e esperançados no futuro.

A Expositó é uma forma festiva de mostrar a alma deste povo; é uma forma animada de se mostrar o que melhor se faz na região da Terras de Sicó. Acreditamos que a mostra da nossa cultura e gastronomia é um sinal de que estamos vivos e orgulhosos do que somos. Tenhamos ambição e orgulho na nossa terra e nas suas gentes. É com as pessoas, com o seu saber autêntico que se ergue e mantém o dinamismo de uma região. É com as pessoas que se forja o desenvolvimento de uma terra, é com elas que se gera e acrescenta inteligência colectiva e se projecta uma visão: o mundo rural e um enorme e grandioso futuro.

Terras de Sicó



Terras de Sicó

Eventos por Terras Dentro



Desde há largos anos que a Terras Dentro - Associação para o Desenvolvimento Integrado de Micro-regiões Rurais promove e apoia iniciativas de animação territorial, tais como feiras, colóquios, espaços temáticos, conferências, dias comemorativos e festivais de música, entre outros eventos.

A nível nacional, a Feira Cuba LEADER talvez seja o mais representativo. Iniciativa promovida pela Terras Dentro em 1993 com o apoio do programa LEADER I e que reuniu em Cuba diversos

Grupos de Acção Local LEADER de Portugal e também de diversos países da Europa. Esta iniciava de carácter único no desenvolvimento rural caracteriza-se pela mescla de costumes e culturas, intercâmbio de experiências e saberes, e convívio entre os povos das diferentes regiões rurais. O funcionamento desta feira é totalmente diferente do usual, pois a cada associação de desenvolvimento local é-lhe entregue um espaço de natureza rural (adegas, casões agrícolas, casas rurais,...) na vila, onde é exposto o artesanato, os produtos e a gastronomia.

Dado o sucesso desta iniciativa, que conta com a promoção turística e patrimonial, etnográfica, gastronómica e cultural do trabalho e das pessoas dos diversos territórios, a Terras Dentro e a Câmara Municipal de Cuba voltaram a promovê-la em 1994, 1999, 2000 e 2001, sempre com o apoio dos programas LEADER I e II.

Outro evento de relevante expressão regional promovido pela Terras Dentro é a Feira do Montado, em Portel. Esta feira é a maior mostra de actividades económicas, culturais e ambientais no que respeita à floresta mediterrânica de Montado, tendo sido organizada pela primeira vez pela Terras Dentro e pela Câmara Municipal de Portel em 2000, também com o apoio do programa LEADER II.

Após cinco anos, esta feira temática é agora o principal fórum de discussão regional sobre o Montado, sendo referência para toda a fileira florestal, apresentando-se aqui expositores de todo o país, com especial enfoque para agro-alimentares, cortiça, actividades ambientais e turísticas, entre muitas outras. São diversas as iniciativas que aqui se desenvolvem, tais como colóquios, demonstrações de tecnologia agro-florestal, exposição de animais autóctones e de espécies cinegéticas, maquinaria agrícola e florestal, projectos de investigação, etc., sendo que o certame se distingue pela qualidade que coloca na apresentação geral e na constante inovação anual.

De realçar também a organização da Mostra do Nosso Pão; evento dedicado ao produto mais genuíno do Alentejo, o pão Alentejano. Esta iniciativa promovida pela Terras Dentro e pela Câmara Municipal de Cuba, decorre em Setembro desde há cinco anos e consta de uma mostra e venda de pão e bolos de padaria, exposições temáticas, *ateliers* de fabrico de pão e bolos, seminários.

A Terras Dentro já promoveu também Espaços Temáticos sobre artesanato, agro-alimentares, ambiente, e outras várias actividades económicas e desenvolveu assessorias a autarquias para a organização de mostras de actividades económicas ou outros projectos de animação; semanas do ambiente, da reciclagem ou sensibilização para a conservação da natureza; encontros de cultura, de grupos corais, de bandas filarmónicas, de poetas populares; acções de promoção territorial em lugares distantes, encontros de empresários ou até grandes feiras, tais como a MANIFesta 2003 ou a Feira da Intercultura em 2004.

A promoção e organização dos eventos é da responsabilidade do Sector de Relações Públicas, Promoção e Eventos da Terras Dentro que tem como objectivos dinamizar o tecido produtivo local, reforçar a identidade regional e promover dinâmicas territoriais de desenvolvimento. Objectivos que são atingidos apostando forte em parcerias com autarquias e entidades representativas dos sectores de actividade, promovendo o empoderamento dos actores envolvidos de modo a que estes se apropriem das iniciativas e se autonomizem. A Terras Dentro surge assim com o uma entidade catalizadora destes processos de desenvolvimento. Além disso, enquanto promotora de colóquios, seminários e outras iniciativas similares, é também objectivo da Terras Dentro transferir competências, acordar consciências, instigar o debate, aumentar a massa crítica da sociedade alentejana, acreditando que é nesse sentido que também se iniciam projectos de desenvolvimento...

Henrique Sim-Sim

Coordenador do Sector de Relações Públicas, Promoção e Eventos/Terras Dentro

Este jornal revela o que se tem em termos de valorização do meio rural o que, no meu ponto de vista, é de extrema importância e merece ser mais divulgado.

Marisa Raquel Pereira Marques
Técnica de Turismo Ambiental, Ourém

Na qualidade de docente de sociologia rural e turismo rural creio que esta publicação é bastante importante e por isso deve estar na biblioteca de qualquer escola agrária para que possa ser consultada e lida por todos os que se interessam pela questões do mundo rural.

Luis Carneiro
Prof. - Escola Superior Agrária de Viseu

Abordámos o programa LEADER+ no tema "Novas Oportunidades para as áreas rurais" em Geografia 11º ano. Ao preparar a aula os alunos vão pesquisar o sítio para perceberem melhor em que consiste o programa e contactarem com diferentes realidades locais. Cada par de alunos irá procurar informação para apresentar à turma uma das associações locais. A mais próxima é a Adrimag.

Isabel Amorim Costa
Prof. Geografia - Escola Secundária Soares Basto, Arrifana

Descobri o vosso jornal por mero acaso na Internet e fiquei logo apaixonada pelos temas tratados. Sou natural de uma bonita aldeia transmontana e o meu trabalho profissional também está ligado ao meio rural, e sinto que o "Pessoas e Lugares" também fala um pouco de mim... Agradeço a amabilidade e a prontidão com que me foi enviado este fantástico jornal. Adoraria continuar a recebê-lo.

Madalena Magalhães

Gostaria de parabenizar os colaboradores pela informação contida em cada edição do jornal "Pessoas e Lugares", visto que serviu de suporte para a concretização de diversos trabalhos académicos e é, actualmente um dos meios de excelência para estar em contacto com as actividades na área do turismo, na qual sou licenciada.

Iaura Maria Antunes dos Santos
Leiria

Alentejana, do concelho de Nisa, a viver em Coimbra há 26 anos, descobri a vossa publicação à procura de lugares e de notícias do "meu" Alentejo.

Teresa de Jesus Semedo Fidalgo
Farmacéutica - Centro Hospitalar de Coimbra

O "Pessoa e Lugares" aborda variados temas que muito me interessam (desenvolvimento rural, desertificação, sustentabilidade ambiental, conservação de recursos, etc.), e que me ajudaram a compreender a realidade da agricultura portuguesa e contribuíram para a minha formação profissional (académica) bem como pessoal.

Luis Manuel de Avelar Camarinha Mora
Estudante - Eng. Agrícola, Universidade de Évora

Ao pesquisar informação sobre o programa LEADER descobri o vosso jornal e verifiquei que tem vários artigos com interesse para os meus alunos lerem e comentarem.

Maria Madalena Andrade Ferreira
Prof. - Escola Secundária José Afonso, Pinhal de Frades

IDRHa
Rede Portuguesa LEADER+
Av. Defensores de Chaves, n.º 6
1049-063 Lisboa
Fax: 21 357 73 80
E-mail: leader@leader.pt

Encontros de Música das Terras do Sousa

À semelhança dos dois últimos anos, a Ader-Sousa - Associação de Desenvolvimento Rural das Terras de Sousa está a organizar os Encontros de Música das Terras de Sousa. A edição deste ano decorre entre 15 de Setembro e 7 e Outubro e conta com a realização de 20 concertos no total, 10 de música erudita (fundamentalmente barroca), cinco concertos populares (jazz e fado, contando com artistas conceituados, como Kátia Guerreiro e os TVG Jazz) e cinco concertos pedagógicos para crianças. A grande novidade da III edição dos Encontros de Música das Terras de Sousa é a constituição do Ensemble dos Encontros de Música das Terras de Sousa, o qual realizará 10 concertos, cinco pedagógicos para as crianças da região e cinco concertos para o público em geral.

O Ensemble das Terras de Sousa nasceu com o objectivo principal de corresponder a uma necessidade cultural que se tinha vindo a constatar na região. Mas também: dar suporte artístico e promover a autonomia dos Encontros de Música das Terras de Sousa, criar uma plataforma de divulgação dos valores musicais com qualidade na região, divulgar a região no âmbito cultural, dar suporte musical ao projecto educativo e de formação dos Encontros de Música das Terras do Sousa (concertos pedagógicos), com a finalidade de criar público, formar o futuro público e sensibilizar as crianças para a audição de música erudita, e apoiar outros projectos educativos e culturais da região no futuro.

Os concertos dos Encontros de Música das Terras de Sousa decorrem em monumentos que fazem parte da Rota do Românico do Vale do Sousa - igrejas e outros espaços públicos dos centros urbanos e em

casas de TER (Turismo de Espaço Rural) -, e têm como objectivos principais dar a conhecer a toda a população do Vale do Sousa um género musical muito pouco usual na região, despertando-a assim para a participação noutras formas de cultura, e contribuir para a divulgação do território visando a sua imagem de autenticidade e de qualidade para o exterior, tornando-a num dos pontos culturais de visita obrigatória. Por outro lado, porque os concertos se realizam em locais de grande interesse patrimonial e turístico, os Encontros são também uma forma de os valorizar e promover.

Os Encontros de Música das Terras de Sousa são realizados em estreita parceria com a Fundação da Casa de Mateus, o que por si só é uma garantia da qualidade dos artistas - impar ao nível da Península Ibérica -, e contam, nesta edição, com uma directora artística para apoiar a constituição do Ensemble e fazer uma introdução pedagógica dos respectivos concertos.



Ader-Sousa

Ader-Sousa

Cister - Saberes e Sabores

A Adrimag - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Serras Montemuro, Arada e Gralheira, em parceria com a Câmara Municipal de Arouca, o Posto de Turismo de Arouca (Região de Turismo Rota da Luz), Manuel Bastos - Doçaria Conventual, Real Irmandade Rainha Santa Mafalda e o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), Porto, promoveu, de 29 de Abril a 2 de Maio último, no Mosteiro de Arouca, o evento "Cister - Saberes e Sabores" que decorreu no mosteiro de Arouca.

A iniciativa, apoiada no âmbito do programa LEADER+, nasceu da necessidade de preservar e valorizar a doçaria conventual de Arouca, bem como a doçaria conventual de outros mosteiros, divulgar o património cultural e arquitectónico e promover o turismo local num fim-de-semana festivo na região: a comemoração das Festas da Rainha Santa Mafalda, padroeira do concelho.



Convento de Arouca/Adrimag

A temática do evento foi a Ordem de S. Bento e Cister - ordem em que se insere o mosteiro de Arouca -, e que se caracteriza por um estilo de vida simples que combina harmoniosamente a oração e o trabalho.

Organizar um evento a nível nacional, dinamizar o Mosteiro de Arouca e divulgar outros mosteiros pertencentes à Ordem de Cister, preservar a doçaria conventual de Arouca e divulgar a doçaria conventual originária de outros mosteiros foram os objectivos principais do "Cister - Saberes e Sabores". Além disso, permitiu também criar um espaço de dinamização cultural, patrimonial e turístico, bem como dinamizar a indústria turística local.

O evento foi composto por actividades diversas, que tiveram como cenário os diversos locais do Mosteiro de Arouca: exposição e venda de produtos conventuais originários dos 22 mosteiros representados; fabrico ao vivo das especialidades da doçaria de Arouca, que decorreu na cozinha do mosteiro; exposição fotográfica e documental sobre os diversos mosteiros da Ordem de Cister em Portugal; e um colóquio que teve por finalidade divulgar a Ordem de Cister em Portugal - o seu património, usos e costumes. E foi ainda completado por animação musical diversa: Isabel Silvestre, Coro Gregoriano do Porto, Grupo Coral de Urró/Banda Musical de Arouca e Orfeão de Arouca.

Arouca foi assim, durante quatro dias, palco de um importante evento cultural que promoveu a cultura, o património e a região, tornando-se num ponto de encontro de um legado patrimonial de extrema importância e de valências diversas: científicas, culturais e turísticas.

Salomé Assunção
Adrimag

Workshop Danças folclóricas

Com as suas danças e cantares típicos, como a "Chamarrita", a "Sapateia", a "Tirana", o "São Macaio" e o "Pézinho", os grupos folclóricos são uma tradição comum das ilhas dos Açores. Em São Jorge e Faial, as toadas de música sofrem, contudo, algumas alterações que as distinguem das restantes. Embora mantenham as linhas da música popular, acrescentam "modas" ricas de ritmo, como o Caracol, Manjerição e Rema, bailados nos dias de festa da freguesia ou até do concelho. Naquelas ilhas da Zona de Intervenção (ZI) da Adeliçor - Associação para o Desenvolvimento Local das Ilhas dos Açores, as festas locais são animadas com séries de "rasgados", "ponteados" e "surpresas" por agrupamentos de roçadores de instrumentos de cordas, sobressaindo a característica "viola de arame", adaptação das violas usadas em Portugal Continental.

Considerando o folclore local como parte integrante do património cultural, foi enquadrado no Plano de Desenvolvimento Local (PDL) da Adeliçor/LEADER+, um projecto de âmbito cultural denominado *workshop* Danças folclóricas.

Dinamizado pela Tuna e Grupo Folclórico Juvenil dos Flamengos, da ilha do Faial, o encontro visou sobretudo a realização de serões culturais, proporcionando um aprofundamento dos conhecimentos sobre o folclore, criando condições para o aparecimento de novos valores e procurando uma melhoria na qualidade dos grupos folclóricos locais, contribuindo para a valorização do património cultural.

As actividades realizaram-se durante um fim-de-semana (26, 27 e 28 de Novembro de 2004), descentralizado em três locais da ilha (Casa do Povo dos Flamengos, Centro Paroquial de Castelo Branco e Salão da Casa do Povo de Pedro Miguel), e foram destinadas a praticantes e pessoas ligadas aos grupos folclóricos existentes na ilha do Faial, bem como interessados na criação de novos grupos.

De carácter inovador na ilha, o *workshop* reflectiu essencialmente sobre a temática das letras das músicas, a conservação e recuperação de trajes, e o traje açoriano. O encontro finalizou com a apresentação de dois grupos folclóricos oriundos de outras ilhas da ZI da Adeliçor: ilha do Pico - Grupo Folclórico de São João; ilha de São Jorge - Grupo Folclórico da Calheta, e um grupo vindo do Continente - Rancho Folclórico "Os Camponeses" do Vale Brejo.

Adeliçor

O mundo rural nas ruas de Abela



A pequena e bonita aldeia de Abela, concelho de Santiago do Cacém, acolheu entre 9 e 11 de Setembro a exposição "O mundo rural nas ruas de Abela". Uma exposição de rua integrada nas festividades "Abela em Festa 2005" que retratou de forma real várias profissões agrícolas e cenários da vida rural de outros tempos. O projecto, apoiado pela ADL - Associação de Desenvolvimento do Litoral Alentejano, através do programa LEADER+,

foi considerado pela organização do evento um caso de sucesso pela criatividade e perfeição conseguida.

Nas ruas de Abela estiveram presentes representações de terrador de moreias, pastor, almocreve, ceifeira, tirador de cortiça e coqueira, padreira, apicultor, aguadeira, peixeiro e ainda uma tasca e a feira tradicional. Um trabalho realizado pelos elementos da Casa do Povo de Abela, Fábrica da Igreja Paroquial de Abela e Sporting Futebol Clube Abelense, com o apoio da população.

Esta exposição do mundo rural nas ruas, ou melhor, do "museu de rua" criado, foi considerado um trabalho não só artesanal/manual como "artístico" que merece novas edições. Nesta edição, a aldeia de Abela conseguiu atrair centenas de visitantes, não só do concelho como de toda a região alentejana.

Guida Silva
ADL

FIA premeia artesão do Caramulo



"Madeiras em Rosto e Forma", peça do artesão Carlos Filipe Simões, do Caramulo, conquistou o primeiro prémio da categoria de Artesanato Contemporâneo, na 18ª edição da FIA Lisboa - Feira Internacional do Artesanato, realizada na FIL - Feira Internacional de Lisboa, entre 25 de Junho e 3 de Julho.

O artesão, que teve a sua empresa Baú do Artesão apoiada pelo programa LEADER+ da ADICES - Associação de Desenvolvimento Local, viu reconhecida a originalidade de "desenvolver há anos um trabalho diferente, realizado a partir de colagens". A peça vencedora é constituída por diferentes tipos de madeiras que sobem em espiral. A estrutura é contínua, "começa de um zero e a primeira circunferência é adornada até obter uma

espessura que termina com três centímetros, se desse para desfiar, era como um fio enrolado até cima", numa conjugação de diferentes tipos de madeiras com um colorido variado. Um trabalho que vai de encontro à preferência de Carlos Filipe Simões pelo artesanato contemporâneo, por permitir "explorar mais o *design* das peças e das cores, face à variedade de madeiras."

Nascido numa família de marceneiros em que o avô era construtor de móveis e o pai "já fazia um trabalho muito inovador", Carlos Filipe Simões cresceu à volta da madeira e ferramentas. Consciente do carácter empírico do conhecimento, decidiu investir na qualificação profissional na área da marcenaria, em conjunto com o irmão Alberto José Simões. A experiência garantiu-lhes o aperfeiçoamento técnico que permitiu a aposta no sector, e que resultou na abertura da oficina e espaço de venda "Baú do Artesão", em 1997. Sustentado pela venda de mobiliário e artesanato em madeira produzido pelos dois irmãos, o sucesso do espaço suscitou a necessidade de melhoramentos. Por isso, a ADICES, através do programa LEADER+, financiou a criação de "um espaço que permite trabalhar e ensinar, e que também funciona para exposição", adianta o artesão.

A par do projecto comercial, Carlos Filipe Simões continuou a investir na produção de peças de maior criatividade e a participar em concursos de artesanato. Esta participação é prática frequente, dado que garante a divulgação e promoção do trabalho, e permite a interacção com o público. Segundo Carlos Filipe Simões, "as pessoas acabam por nos dizer o que querem", o que permite a adequação dos trabalhos, além de que "as pessoas ficam com o nosso contacto". Além de que as participações já valeram um conjunto de prémios ao artesão. Recebeu o primeiro prémio da FARAV - Feira de Artesanato da Região de Aveiro 2004 em artesanato criativo, menções honrosas na FIA em 2002 (contemporâneo) e 2004 (tradicional), e uma menção honrosa na FARAV 99 (artesanato tradicional), além do primeiro prémio do Concurso Jomar (1995). Em relação ao primeiro prémio na 18ª edição da FIA Lisboa, conquistado por "Madeiras em Rosto e Forma" entre 107 peças a concurso nas duas categorias (Contemporâneo e Tradicional), Carlos Filipe Simões acredita que pode "valorizar algumas peças" e contribuir "para as pessoas conhecerem melhor o meu trabalho". Resultado que o artesão sente "que já se nota um pouco".

João Limão

Intercâmbio entre jovens europeus



O Baixo Alentejo foi de 5 a 13 de Setembro palco de um intercâmbio entre jovens europeus, no âmbito de um projecto promovido pela Esdime - Agência para o Desenvolvimento Local no Alentejo Sudoeste, em conjunto com organizações congéneres da Finlândia, Bélgica e República Checa.

O projecto, denominado "Sharing Europe, from North to South, from East to West" e financiado pelo Programa Europeu Juventude,

surge na sequência de outros intercâmbios realizados em 2003 (República Checa) e em 2004 (Finlândia) e procura cimentar os laços de cooperação entre jovens de diferentes países da Europa e proporcionar a descoberta e a troca de conhecimentos e experiências.

Durante nove dias os concelhos de Castro Verde, Aljustrel, Almodôvar, Beja, Ourique e Ferreira do Alentejo receberam a visita de 25 jovens destes três países, tendo como anfitriões jovens alentejanos envolvidos em grupos e associações de jovens de Santana da Serra (Ourique), Santa Cruz (Almodôvar) e de Odivelas (Ferreira do Alentejo).

O programa da visita incluiu actividades de descoberta do património natural e cultural destes concelhos, de uma forma activa, através de passeios, visitas, jogos entre outros.

Esta visita integra-se na intervenção desenvolvida pela Esdime desde 1997 de promoção da iniciativa e do associativismo juvenil nas freguesias rurais. O intercâmbio tem o apoio das câmaras municipais de Aljustrel, Almodôvar, Beja, Castro Verde, Ferreira do Alentejo e Ourique, Junta de Freguesia de Santana da Serra, Centro Operacional e de Tecnologia do Regadio e do Museu Etnográfico de Messejana.

Esdime

Jornadas de queijo DOP

A Adelição - Associação para o Desenvolvimento Local de Ilhas dos Açores, em parceria com a Secretaria Regional de Agricultura e Florestas/Direcção Regional de Desenvolvimento Agrário dos Açores, realizou nos dias 9 e 10 de Setembro, nas ilhas do Pico e São Jorge, as Jornadas de Queijo com Denominação de Origem Protegida (DOP).

Com estas Jornadas pretendeu-se contribuir para a promoção e valorização do queijo DOP dos Açores (queijo de São Jorge e queijo do Pico) e debater questões relacionadas com o fabrico, maneiço e autocontrolo, higiene e rotina de ordenha e comercialização.

Para reflectir sobre as mais-valias da produção de queijo DOP, de acordo com a legislação comunitária de protecção das denominações de origem, as intervenções incidiram sobre temas relevantes relacionados com a atribuição da DOP.

Em São Jorge as comunicações foram da responsabilidade da UNILEITE - União de Cooperativas Agrícolas de Lactínios e de Produtores de Leite da Ilha de São Miguel, tendo o seu representante, António Amaral, abordado a questão do autocontrolo nas indústrias alimentares através do Sistema HACCP (Análise de Perigos de Controlo de Pontos Críticos). Num painel moderado por Miguel Bezerra, em representação da Direcção Regional de Desenvolvimento Agrário, o delegado comercial da Lactaço, António Azevedo, centrou a sua comunicação na comercialização de produtos lácteos. No Pico, Pedro Correia, do Instituto de Alimentação e Mercados Agrícolas, deu início à jornada, com uma comunicação que incidiu na higiene e rotina

de ordenha, focando os factores que influenciam a qualidade do leite. Da ARCOLSA - Departamento do Queijo de Azeitão, Clara Raposo, falou sobre a Implementação do Autocontrolo em Queijarias Artesanais que laboram com queijo de leite cru. A moderação do painel esteve a cargo de Marco Costa, em representação da Direcção da Adelição.

Nos dois encontros foi possível contar com um técnico da Universidade de Santiago de Compostela (aula de produtos lácteos), Jaime Magdalena Vera, que apresentou o caso do queijo Arzúa - Ulloa, queijo de leite de vaca DOP, muito difundido na Galiza, produzido nas províncias da Corunha e Lugo, semelhante ao queijo da Ilha do Pico, com pasta mole prensada.

As jornadas contaram com a presença do Secretário Regional de Agricultura e Florestas e cerca de 50 participantes das duas ilhas, entre os quais, dirigentes associativos, produtores de queijo/leite, funcionários de cooperativas e queijarias, técnicos dos Serviços de Desenvolvimento Agrário, representantes das Associações de Agricultores e outros interessados nos temas debatidos.



Adelição

Rota do Românico do Vale do Sousa

No âmbito do Programa Operacional da Região Norte, Medida 2.5 - Acções Integradas de Base Territorial/Empregabilidade, a Ader-Sousa - Associação de Desenvolvimento Rural das Terras de Sousa está a desenvolver o Programa de Formação para a Promoção e Dinamização Turística e Cultural da Rota do Românico do Vale do Sousa.

O Programa abrange as vertentes da gestão, do património, do turismo e da cultura, e visa dar resposta às necessidades de recursos humanos qualificados e altamente especializados que o Plano de Acção daquela Rota exige para o êxito do seu desenvolvimento e consolidação. Os cursos contemplados (dos quais três são de pós-graduação) são os seguintes: Turismo Cultural no Vale de Sousa; Turismo, Ordenamento e Gestão do Território; A Arquitectura Românica no Vale de Sousa; Turismo e a Tecnologia para a Competiti-

vidade; Empreendedorismo no Vale do Sousa; Gastronomia e Qualidade no Turismo; Marketing Integrado de Comunicação e Promoção do Turismo; Patrimónios de Tradição; Cartografia Digital e Turismo; Rota Românica no Vale do Sousa; políticas e estratégicas como afirmação de futuro.

O Programa tem como objectivos específicos principais: qualificar os profissionais do turismo no Vale do Sousa, no domínio específico do Turismo Cultural; aprofundar o conhecimento dos profissionais, actuais e potenciais, em torno da Rota do Românico; desenvolver uma cultura de bom acolhimento dos turistas e visitantes no Vale do Sousa; e despertar as capacidades empreendedoras para a inovação da oferta de serviços relacionados com o Turismo Cultural.

Ader-Sousa



20 Anos de Maré
Associação Cultural Maré de Agosto, 2004

Com o apoio da LEADER+ /ARDE

Todos os anos, em Agosto, a ilha de Santa Maria (Açores) enche-se de gente de todas as ilhas do arquipélago e de muitos outros lugares, por causa do Festival Maré de Agosto. Um festival de música, com artistas de diversos quadrantes e influências musicais, que pretende, desde o início, promover a interligação de gerações. A ideia surgiu no dia 15 de Agosto de 1984 e, de imediato, se transformou num desafio tentador e um sonho colectivo. Passados 20 anos, o Festival Maré de Agosto é um fenómeno de enorme importância sociocultural, com inquestionável impacto económico local.

Através desta edição comemorativa dos 20 anos do Festival Maré de Agosto (1984-2004), a Associação Cultural Maré de Agosto pretende "contribuir para perpetuar uma vasta memória colectiva que esteve, e está, na origem de um evento com um carisma tão forte, que desde logo ultrapassou as fronteiras da própria ilha." Não aspirando ser uma obra literária, esta publicação assume-se antes como "uma espécie de álbum de recordações de quem viveu por dentro estes 20 anos de Maré. Artistas, organização, jornalistas, público... A história do Festival é contada por eles."

Como primeiro esboço do vasto álbum de memórias sonoras do Festival Maré de Agosto, a publicação inclui um CD que reflecte os momentos altos da primeira década de Maré.



Bonecos de Santo Aleixo - a sua (im)possível história
As Marionetas em Portugal nos séculos XVI a XVIII e a sua influência nos Títeres Alentejanos

Passos, Alexandre; CENDREV - Centro Dramático de Évora, 1999

Com o apoio da LEADER II/MONTE

Actor profissional desde 1965, Alexandre Passos dedicou alguns anos da sua vida à investigação na área da marioneta tradicional de varão (e especialmente dos "Bonecos de Santo Aleixo"). Integrou as companhias Teatro Moderno de Lisboa, Teatro da Cornucópia, entre outras, e o Centro Cultural de Évora (actual CENDREV), que recuperou o espectáculo dos "Bonecos de Santo Aleixo".

Além de alguns conceitos sobre marionetas em geral e seus públicos, a publicação em referência analisa factos relacionados com a história da marioneta em Portugal (séculos XVI - XVIII) e dá a conhecer aos leitores "algo mais do que aquilo que está publicado e disperso sobre os títeres alentejanos." O capítulo final é dedicado ao estudo das técnicas de manipulação, os materiais utilizados e os modos de construção das marionetas, as maneiras de elaboração dos espectáculos, repertórios, etc., das marionetas tradicionais de varão que se encontram a actuar na Sicília, Nápoles, norte de França, entre outros locais, e ainda das que existem (ou existiram) em Praga (República Checa). O autor inclui ainda referências de várias companhias de marionetas com um cunho mais actual que se servem da técnica de varão em alguns espectáculos e companhias de teatro de actores que utilizam marionetas de varão. Para o autor, este livro não é uma meta atingida mas um ponto de partida para o estudo, investigação e discussão do fenómeno "Bonecos de Santo Aleixo".



À descoberta do Vale do Minho (CD-ROM)
ADRIMINHO - Associação, 2004

Com o apoio da LEADER+ /ADRIMINHO

À descoberta do Vale do Minho é um CD-ROM dedicado especialmente a crianças. Concebido de forma a simplificar a sua utilização, não exige processo de instalação: basta colocá-lo no leitor de CD/DVD do computador.

Neste CD-ROM, o Vale do Minho é o ponto de partida numa aventura onde o objectivo principal é ficar a conhecer algumas das suas lendas, assim como os concelhos a que pertencem. Para isso, cada uma das lendas - "A jovem encantada" (Melgaço), a lenda do "Rio Ancora" (Caminha), a "Lenda d' A Coca" (Monção), "Os combatentes de Travanca" (Paredes de Coura), "Os três potes" (Vila Nova de Cerveira) e "A mulher marinha" (Valença) -, é seguida de um jogo diferente apresentado por uma nova personagem, jogado usando apenas o rato. Mapas fotos e vídeos de cada um dos concelhos permitem conhecer o Vale do Minho e completam o conteúdo deste CD-ROM, apoiado pelo programa LEADER+.

www.adriminho.pt



Site da ADRIMINHO - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho, tem na página de abertura ligações para três áreas: Apresentação, PIC LEADER+ e PIC LEADER II.

Na apresentação, ficamos a conhecer a zona de intervenção, equipa técnica, órgãos sociais, associados, objecto social e contactos. Informação breve, que permite saber que o objectivo da associação "é promover o desenvolvimento rural entendido como um processo de melhoria das condições culturais e materiais de vida, através de iniciativas de base comunitária".

No PIC LEADER+ é feita a caracterização do programa e enunciado o tema federador - "Melhoria da Qualidade de Vida das Populações Locais". Além da referência às Parcerias (nacionais e transnacionais) e Regulamento Geral, o Plano de Desenvolvimento Local é disponibilizado para consulta, é possível aceder a documentação de candidatura (ficha de intenção e formulário de candidatura, relatório final, resumo dos documentos e despesas), e aceder a Projectos LEADER+.

Em PIC LEADER II é feita uma breve apresentação de projectos e é possível consultar os Montantes globais LEADER II.

www.teatrodontemuro.com



Nascido em 1990, o Teatro Regional da Serra do Montemuro (TRSM) é resultado "do encontro entre artistas locais, nacionais e internacionais, na pequena aldeia de Campo Benfeito".

A companhia aposta na criação de textos originais, concebidos num processo colectivo que une actores, encenadores, cenógrafos e compositores, e declara-se inspirada na cultura popular, afirman-

do-se como um teatro contemporâneo, "com as suas raízes fortemente e assumidamente no meio rural e com a sua actividade em todo o território nacional". Como companhia do meio rural, o TRSM confessa-se uma companhia itinerante "por obrigação e por vocação", que tem, entre outros objectivos, a função de contribuir e participar no desenvolvimento da região e na criação de novos públicos.

No site, é possível conhecer o TRSM, com agenda, histórico de espectáculos, parcerias e contactos, ao mesmo tempo que é disponibilizada informação sobre as peças e ligações para outras companhias, entidades e eventos.

www.oespacodotempo.pt

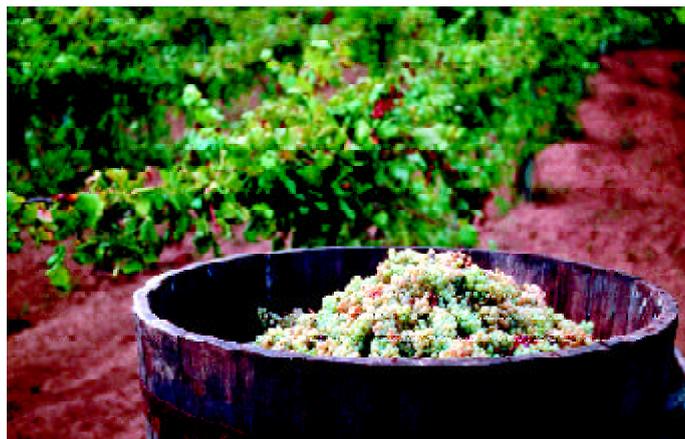
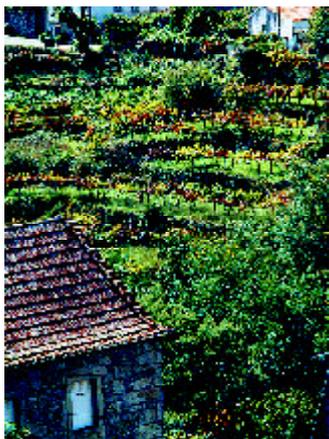


Situado no Convento da Saudação, em Montemor-o-Novo, o Espaço do Tempo "é uma estrutura transdisciplinar que serve de apoio a inúmeros criadores nacionais e internacionais", em que a "linha fundamental de trabalho situa-se na pesquisa e na experimentação, base da renovação e da inovação das linguagens artísticas".

O projecto resulta do regresso do coreógrafo e bailarino Rui Horta a Portugal, depois de experiências de trabalho com companhias de Nova Iorque e Frankfurt, além da Companhia de Dança de Lisboa, e do trabalho como professor convidado e coreógrafo *free-lancer*. O site está bastante centrado em torno da mais recente criação de Rui Horta (*Set Up*), com informação disponibilizada em inglês, acerca do projecto, equipa, parceiros e contactos.

Alvarinho

Dizem dele que é fruto do solo, do sol, do sofrimento, da sabedoria e do sossego. Como todos os vinhos de excepção traz nele a terra, o clima e o trabalho humano. E afirma-se, cada vez mais, como um vinho único no mundo, para orgulho do Vale do Minho e prazer de quem o desfruta.



É descrito como um vinho equilibrado, de cor citrina, paladar leve e fresco, aroma frutado, floral, intenso e delicado, encorpado e com um agradável pós-boca. Tem uma elevada graduação alcoólica - 11,5% a 13% - e uma acidez média, o que lhe dá harmonia e persistência. É excelente para aperitivo, acompanha muito bem mariscos e peixes. Mas os conhecedores sabem que é um ótimo acompanhante de fumeiro, ou de queijos. E é preciso servi-lo com um bom prato de cabrito, com o sável de escabeche, com o salmão grelhado ou com a lampreia seca ou com ovos, para apreciar a excelência deste néctar.

Na origem do vinho está a casta Alvarinho, que produz um cacho pequeno, de bago miúdo. Recomendada para a Sub-Região dos Vinhos Verdes de Monção (Monção e Melgaço) produz um vinho com Denominação de Origem Controlada. De pequena produção e inicialmente em vinha de bordadura, a vinha de Alvarinho sofreu uma profunda reconversão a partir dos anos 80 do século XX, deixando de integrar uma economia de subsistência para se transformar num produto de elevada rentabilidade económica. Em cotas que não ultrapassam os 140 metros de altitude, a área total de vinha Alvarinho não deverá exceder em muito os 1.000 ha. E a produção de vinho Alvarinho, aos custos actuais, deverá ser responsável por um rendimento da ordem dos 4 milhões de contos anuais. Uma verba significativa numa região em que a agricultura se apresenta como um dos factores mais importantes em termos económicos e, sobretudo, em termos de identidade cultural do território.

A grande estrutura de organização da produção do Alvarinho é a Adega Cooperativa de Monção, responsável pela maior parte da vinificação. A Quintas de Melgaço, empresa de capitais maioritários municipais, é já hoje um importante pólo de produção. Para além

destes, algumas dezenas de produtores de quinta colocam no mercado marcas de grande qualidade.

De notar que, para além do vinho Alvarinho tradicional, começam a aparecer no mercado novos produtos, designadamente o Alvarinho com envelhecimento em madeira, o espumante de vinho Alvarinho e as aguardentes bagaceiras, das melhores que se comercializam em solo português.

Elevada rentabilidade económica

Os agricultores têm na APA - Associação de Produtores de Alvarinho e na UPA - União de Produtores de Alvarinho, recentemente criada, as estruturas que velam pela organização e enquadramento da produção, pela promoção e pela comercialização do produto. Obter autorização para a comercialização do Alvarinho com um superior teor alcoólico, lutar pela designação da Sub-Região do Alvarinho como Sub-Região de Monção e Melgaço, apresentar candidatura ao INTERREG para a promoção do vinho em mercados localizados como os da Inglaterra e da América, são, por exemplo, linhas que estão a ser trabalhadas pela UPA. Sendo evidente a alta rentabilidade económica deste produto para a região, tendo sido levado a cabo um cuidado trabalho com a reconversão das vinhas, com a qualificação da produção do vinho e com a sua apresentação no mercado, começam agora a colocar-se na região os problemas da comercialização do produto. A diversificação da oferta não tem correspondido a um aumento dos preços, que se têm mantido constantes nos últimos anos, havendo até casos de diminuição. Por outro lado, o aumento de produção leva, indubitavelmente, à necessidade de alargar os mercados. E esse é um trabalho que ultrapassa o simples agricultor, só podendo ser assumido de uma forma

colectiva. Daí a necessidade imperiosa que se coloca na região de uma promoção concertada em mercados nacionais e estrangeiros, de forma a dar a conhecer e valorizar um produto único e de pequena escala.

Mas para já, e numa profunda ligação ao território, o Vinho Alvarinho poderá ser descoberto, apreciado e adquirido em pleno Vale do Minho. O Solar do Alvarinho, em Melgaço, é um espaço de eleição para o efeito. Apoiado pelo programa LEADER II, através da ADRIMINHO - Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho, fica instalado no Edifício dos Três Arcos, no centro histórico da vila, tem loja para aquisição, bar para degustação e áreas de convívio para o contacto com os valores locais. Também pode ir até Monção, à Casa do Curro, onde o vinho Alvarinho tem um espaço de eleição, ou visitar o Paço de Alvarinho ou Adega de Monção, tendo ambos os espaços sido apoiados já no quadro do LEADER+. A intervenção da ADRIMINHO, mais do que apoiar projectos individuais, incide principalmente na promoção e divulgação do vinho. Além dos apoios à recuperação de espaços de promoção, a associação prossegue, desde o LEADER II, uma dinâmica de apoio a iniciativas como a Festa do Vinho Alvarinho (Monção) e Festa do Alvarinho e do Fumeiro (Melgaço). Ao mesmo tempo, investiu-se na publicação de um roteiro de identificação de produtores/engarrafadores, denominado "Na Rota do Alvarinho" e promovido pela Câmara Municipal de Melgaço. Um excelente ponto de partida para seguir a Rota dos Vinhos Verdes, através da visita aos numerosos pontos de produção de Alvarinho nos concelhos de Monção e de Melgaço. Um sem número de maneiras de se confrontar, com devoção, com um dos produtos mais emblemáticos do solo português.

Francisco Botelho

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+

II Série | N.º 32 | Setembro 2005

Propriedade

INDE - Interooperação e Desenvolvimento, CRL

Redacção

INDE
Av. Frei Miguel Contreiras, 54 - 3º
1700-213 Lisboa
Tel.: 21 843 58 70
Fax: 21 843 58 71
E-mail: pl@inde.pt

Mensário

Directora

Cristina Cavaco

Conselho Editorial

Carlos Mattamuross Resende/IDRHa, Cristina Cavaco/INDE, Francisco Botelho/INDE, Luis Chaves/Minha Terra, Maria do Rosário Serafim/IDRHa, Paula Matos dos Santos/INDE, Rui Veríssimo Batista/IDRHa

Redacção

Paula Matos dos Santos (Chefe de Redacção), Francisco Botelho, João Limão, Maria do Rosário Aranha

Colaboraram neste número

Adelição, Ader-Sousa, Adrepes, Adriminho, Esdime, Fábio Carbone (Hera), Guida Silva (Adl), Henrique Sim-Sim (Terras Dentro), Maria do Rosário Serafim (IDRHa), Salomé Assunção (Adrimag), Terras de Sicó

Paginação

Diogo Lencastre (INDE), Marta Gafanha (INDE)

Impressão

Diário do Minho
Rua de Santa Margarida, n.º 4
4710-306 Braga

Tiragem

6 000 exemplares

Depósito Legal

n.º 142 507/99

Registo ICS

n.º 123 607

Os artigos assinados exprimem a opinião dos seus autores e não necessariamente a do proprietário e Conselho Editorial deste jornal.



Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural e das Pescas



Comissão Europeia Programa LEADER+